

Diagnóstico Famílias na Comunidade

2009-2010



Equipa:
Carla Calado
Neuza Pestana

ÍNDICE

| | | |
|------|----------------------|----|
| I. | Enquadramento..... | 3 |
| II. | Pré-Diagnóstico..... | 7 |
| III. | Diagnóstico..... | 31 |
| IV. | Conclusões..... | 52 |
| V. | Bibliografia..... | 54 |
| VI. | Anexos..... | 55 |

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem a disponibilidade que todos os parceiros nos dedicaram, a simpatia com que todos os que aqui moram e trabalham nos acolheram e responderam às nossas questões e provocações, dando do seu precioso tempo para que pudéssemos conhecer um pouco melhor a realidade da Alta de Lisboa e criar laços importantes. Obrigada!

I. Enquadramento

O presente relatório resulta de um processo de recolha informal de informação, realizado após constatação da necessidade de adoptar uma nova perspectiva de intervenção do K'CIDADE que permita um olhar holístico sobre a família, as suas necessidades e recursos internos, e assim adequar a sua intervenção. Foram realizadas entrevistas e grupos focais com actores-chave, instituições locais e regionais, moradores de diversas idades e proveniências com o objectivo de aprofundar a informação já existente sobre o território e o futuro sonhado de quem nele habita e trabalha.

Ao longo deste documento poderemos encontrar um breve resumo da informação existente sobre o território de forma a enquadrar a análise dos resultados obtidos. Posteriormente serão apresentados os dados apurados que foram alvo de análise qualitativa e quantitativa. No final, é proposto um resumo da informação recolhida e das respostas que entretanto foram sendo criadas.

Dado o cariz de investigação-acção que caracteriza o próprio K'CIDADE, no próprio desenrolar deste estudo foram envolvidas instituições, associações, grupos e pessoas gerando dinâmicas locais hoje sólidos recursos da comunidade (como a Loja Comunitária Entre Nós; Grupo Ler em Alta) bem como sementes para diversos outros projectos e actividades (Grupo mããs e papás/apoio na criação de respostas educativas; Grupo local de trabalho na área da Parentalidade; Curso de mediadores Juvenis TDK; Curso de mediadores em poupança e consumo responsável; Cantina Comunitária).

Esperamos que dele retirem pistas úteis de trabalho, propostas de projectos e futuras investigações e inspirações.

Situação Económica e Financeira

Analisando as principais fontes de rendimento dos agregados familiares constatou-se que os rendimentos provenientes do trabalho representaram a principal fonte de subsistência (39,9%), face aos apoios sociais (24% auferem pensões, 23,1% outros subsídios, 10% subsídios de desemprego e/ou RSI). Quanto ao volume do rendimento a grande maioria auferiu receitas superiores a 600€ (CEDRU, 2009).

Por outro lado, as situações de endividamento assumiram uma percentagem relevante no seio familiar, designadamente porque 30,1% dos agregados possuíam outras prestações mensais para além da habitação. O crédito para compra automóvel foi o mais saliente (32,5%), seguido dos créditos para aquisição de bens para a habitação (11,7% com encargos mensais fixos com pagamentos de electrodomésticos e/ou aparelhos electrónicos, e 7,5% com pagamentos de mobílias). Ainda, 3,3% dos agregados reportou encargos ao nível dos equipamentos sociais (CEDRU, 2009).

A dificuldade de cumprir com todas as obrigações financeiras, tem induzido a que alguns agregados familiares (6% dos respondentes) recorram a ajudas em espécie, nomeadamente apoios alimentares (40,7%), alimentar/vestuário (11,1%), entre outras (CEDRU, 2009).

Relativamente à capacidade de aforro apenas 10,2% dos agregados familiares afirmou efectuar poupanças, demonstrando desta forma a parca capacidade de poupança dos agregados (CEDRU, 2009).

Quanto à situação profissional, a taxa de desemprego fixou-se em 23,8%, sendo que nos últimos 3 anos cerca de 16,5% da população encontrava-se em situação de desemprego. Por outro lado, entre os trabalhadores, verificou-se um equilíbrio entre profissões qualificadas (45,4%) e não qualificadas (38,3%) registando-se ainda uma maior prevalência de trabalhadores por conta de outrem (81,7%), face a uma modesta dinâmica empreendedora (7,5% trabalha por conta própria). De salientar ainda a existência de uma forte relevância de redes sociais (47,8%) como forma de procura e acesso ao emprego (CEDRU, 2009).

Escolaridade e Desempenho Escolar

As escolas públicas da Alta de Lisboa, (no seu total 2 escolas Ensino Básico 2º e 3º ciclos, 4 escolas Ensino Básico 1º ciclo e 4 Jardins de Infância) apresentam índices de absentismo, insucesso e abandono escolar altos, bem como uma relação com a comunidade local nem sempre fácil. Ainda assim, ao longo da intervenção do K'CIDADE, foi possível identificar diversos actores empenhados e comprometidos com a mudança, tendo-se mesmo registado algumas evoluções positivas, também resultantes da crescente estabilização e reconhecimento dos órgãos de gestão.

Desde Junho de 1997 até 2007, foram entregues várias centenas de fogos a famílias provenientes do bairro da Musgueira Sul, Musgueira Norte, Quinta Grande, Quinta do Louro, Quinta da Pailepa e Bairro Novo das Galinheiras. Com o realojamento, o Bairro da Cruz Vermelha (área de influência da escola sede e escola 91) vive uma fase de alguma tensão e conflituosidade pois coabitam, por vezes no mesmo prédio, famílias oriundas de vários bairros distintos, trazendo consigo as rivalidades existentes anteriormente. A maioria dos realojamentos na área de intervenção do Programa K' Cidade foi efectuada no âmbito do PER, e os restantes, em muito menor número, no Bairro da Cruz Vermelha (Rua Pedro Queirós Pereira), ao abrigo de programas municipais de habitação social mais antigos. Existem vários problemas neste bairro desde há alguns anos, tendo-se intensificado a prática de actividades ilícitas, o que prejudica directamente as crianças, já que um número significativo tem irmãos e/ou um ou ambos os pais detidos. Indirectamente, a Escola sofre com estas situações, visto que as mesmas se reflectem no comportamento e nas aprendizagens destes alunos.

Em termos de condições de educação e ensino, a Alta de Lisboa sofre de uma situação duplamente penalizante: a população apresenta um baixo nível de instrução formal¹ e os vários equipamentos (públicos e privados) não conseguem dar resposta a todas as necessidades, tanto ao nível pré-escolar e, de modo mais acentuado, na função de creche (estimam-se cerca de 170 crianças em lista de espera para estes equipamentos no ano de 2008/09 na área de influência da UPAL sendo que cerca de 384 crianças de 0-2 anos viviam na Alta em 2004).

Por outro lado, as frequentes dificuldades de convívio e de aprendizagem das crianças exigiriam respostas de um corpo docente e auxiliar mais diversificado e maior - em valências especializadas e em apoios (i)materiais – que o existente.

¹ Além do analfabetismo formal, cuja taxa na Alta de Lisboa (mais de 10%) é bastante superior à nacional e dupla da de Lisboa, não se restringindo às pessoas mais idosas em vários blocos PER, o grau de instrução dominante (cerca de 65% da população com menos de 37 anos não tem mais de 6 anos de escolaridade) faz supor também significativa iliteracia e analfabetismo funcional, num meio urbano exigente em desempenhos baseados em conhecimentos de base escolar.

Faltando meios em diferentes escolas e disponibilidade e/ou capacidade da generalidade dos pais para acompanhar a vida escolar e de aprendizagem dos filhos, uma das ameaças está contida na reprodução da desqualificação dos cidadãos.

Os processos de realojamento criam situações e ajustamentos com resultados contraditórios. A escola sede do agrupamento Pintor Almada Negreiros mudou-se para as actuais instalações no ano lectivo de 1999/2000. Toda a zona envolvente da escola, assim como a maior parte das famílias dos alunos é alojada em casas com condições habitacionais mais apropriadas, resultando numa significativa melhoria das condições de vida da população em geral.

No entanto, esta significativa melhoria das condições de vida das populações e dos equipamentos escolares não foi acompanhada por uma progressiva consolidação da comunidade educativa e consequente melhoria dos resultados escolares. O processo de reconversão de uma escola de ensino secundário para o 3º ciclo, anexado a uma escola preparatória foi gerador de conflitos e tensões entre os profissionais com lógicas distintas de funcionamento.

Outra marca evidente dos processos de realojamento está expressa na separação que existe entre os habitantes dos prédios de venda livre e os PER. Embora nas escolas não exista uma sistematização destes dados, verifica-se que os alunos das escolas da zona são maioritariamente residentes nos PER (com apoio do SASE), registando-se um reduzido número de alunos oriundos dos prédios de venda livre.

No que diz respeito à rede do pré-escolar, existem escolas com instalações em mau estado de conservação no território e que podem explicar em parte porque algumas famílias têm vindo a colocar os seus filhos fora do território. No entanto algumas escolas, com excelentes instalações, continuam a receber quase exclusivamente alunos residentes nos PER. As escolas continuam associadas aos antigos bairros de proveniência das populações do realojamento, não conseguindo atrair alunos de classes mais favorecidas, resultantes dos efeitos de estigmatização (em 2004 a população de crianças entre os 3 e os 5 anos era de 476, sendo que actualmente se encontram 444 inscritas e a frequentar os equipamentos público e privados da zona PUAL).

Por vezes, nem sempre os próprios profissionais dos estabelecimentos revelam conhecer o território e as instituições locais, o que se deve à rotatividade frequente dos mesmos. Este desconhecimento dificulta que se ultrapassem alguns estereótipos negativos sobre a comunidade que aqui habita (que são comuns a muitos bairros de realojamento) e que sejam utilizados todos os recursos existentes.

As várias organizações no terreno, que desenvolvem inúmeras iniciativas com as crianças e jovens começam gradualmente a ser vistas como recursos para a escola, podendo desempenhar um papel importante face à escassez de recursos e meios com que os estabelecimentos educativos se deparam para fazer face à sua tão importante tarefa: educar.

Os problemas identificados pela escola incidem muito sobre as questões de indisciplina dentro e fora da sala de aula, com consequências nos tempos de aprendizagem. Contudo, a intervenção sobre os problemas diagnosticados pelos diferentes actores têm vindo a centrar-se nas características dos alunos e do contexto familiar, ou seja em factores externos à acção da escola, certamente devido à falta de recursos da mesma para fazer face às dificuldades sentidas.

Acompanhamento Familiar

Segundo os dados obtidos pelo CEDRU em 2009 quanto ao acompanhamento familiar, verificou-se que 61,6% dos pais admitiu não sentirem necessidade de ter uma participação mais activa na vida escolar dos filhos, tendo apontado como principais razões o facto de já terem uma participação activa (36,4%), o considerarem não haver necessidade e/ou que não vale a pena (23,4%), e a falta de tempo (10,4%). Estes pais têm maioritariamente idades compreendidas entre os 30 e os 39 anos (31,2%), e os 40 e os 49 anos (28,6%), com instrução sobretudo ao nível do 1º ciclo (39,5%), e com exercício activo de uma profissão (44,2%) embora se trate, maioritariamente, de trabalhadores não qualificados (51%).

Quanto aos pais que manifestaram vontade de ter uma participação mais activa a grande maioria (66,7%) referiu que a postura é fundamental.

Saliente-se ainda que apenas 9,5% dos pais afirmou pertencer à associação de pais do agrupamento escolar dos filhos.

Quanto às preocupações dos pais relativamente às escolas, estes evidenciaram sobretudo a segurança (16%), a necessidade de melhorar as condições físicas (10,4%), e a falta de auxiliares e professores (5,6%).

Analisando ainda o local diário de permanência das crianças, constatou-se que dos 0 aos 3 anos a maioria dos pais preferiu integrar as crianças em creches (41,5%), e dos 3 aos 6 anos em jardim-de-infância (64,4%), verificando-se desta forma um aumento da preferência e/ou capacidade de cobertura dos equipamentos infantis entre 2004 e 2009 (dos 0 aos 3 anos aumento de 35,4% para 50%, e dos 3 aos 6 anos de 26,4% para 72,5%).

Por fim, importante referir o tipo de actividades que os prestadores de cuidados realizam com os filhos. Assim, constatou-se uma forte predominância de realização de diferentes actividades lúdicas (67%), ver televisão (72%), leitura (31%), utilização do computador com os filhos (13%), e acompanhamento das crianças à escola (48%).

Vivências, Participação Cívica e Associativismo

Analisando a participação cívica da população inquirida constatou-se que apenas uma reduzida percentagem da população participa em actividades comunitárias e/ou iniciativas locais. Destes, 1,3% referiu ter organizado algum tipo de actividade comunitária, enquanto 9,7% afirmou ter participado nas mesmas. A população que mais activamente se envolveu na organização de actividades comunitárias revelou deter maiores níveis de instrução face à população que apenas participou nas iniciativas.

Relativamente às áreas que contaram com maiores níveis de participação por parte da população inquirida, verificou-se que a grande maioria participou sobretudo em eventos culturais e desportivos (59%) e actividades religiosas (18%), seguindo-se o dirigismo associativo, actividades políticas, grupos de interesse e participação na associação de pais das escolas dos respectivos filhos.

Percepção de Segurança e Insegurança

De acordo com os dados do CEDRU (2009), entre 2004 e 2009 verificou-se um aumento da ocorrência de problemas de 9,3% para 11,9%, verificando-se também uma alteração na percepção da criminalidade havendo um aumento de percepção de insegurança em algumas vertentes e uma diminuição noutras.

Assim, tendo em conta a percepção dos inquiridos sobre os aspectos relacionados com a segurança e insegurança na Alta de Lisboa e Charneca em 2009, verificou-se que 32,8% dos respondentes consideraram a segurança “má”, face a 41,5% que a consideraram “razoável”.

Os principais factores explicativos desta percepção de insegurança relacionaram-se com o consumo e tráfico de droga (26,4%), os assaltos (23,3%), as agressões físicas e verbais (14,1%), a insegurança e falta de policiamento (10,4%), o vandalismo e degradação do ambiente físico (7,4%), os tiroteios (4,9%), a reduzida iluminação pública (1,8%), entre outros.

Todavia, 21,7% dos inquiridos que consideraram o bairro inseguro foram efectivamente vítimas de crime, sendo os principais tipos de ocorrências os assaltos e tentativas de furto (33,3%), as ofensas corporais e verbais (25,5%), o vandalismo (11,8%), os tiroteios (7,8%), o ruído nocturno (3,9%), entre outros.

II. Pré-Diagnóstico

1. Objectivos da Avaliação

Este pré-diagnóstico teve na sua origem um conjunto de objectivos gerais dos quais se destacam:

1. O estabelecimento de um primeiro contacto junto dos vários grupos formais e informais existentes na comunidade por parte dos técnicos que fazem parte da equipa recentemente;
2. A compreensão das percepções da comunidade acerca dos principais problemas das famílias, o tipo de apoios a que recorrem quando necessitam, e os sonhos/desejos futuros de melhoria futuras nesta área;
3. A auscultação do grau de envolvimento/compromisso da comunidade para a participação futura de actividades na área das famílias, e sua mobilização/ sensibilização para esta temática;
4. A compreensão das percepções da rede de instituições sobre os principais problemas das famílias, o tipo de apoios a que recorrem quando necessitam, e os sonhos/desejos futuros de melhoria futuras nesta área;
5. A fundamentação para a criação de um guião e para a futura realização de focus-groups onde se aprofundem mais as questões relacionadas.

2. Caracterização dos Actores Envolvidos

Neste diagnóstico participaram 262 indivíduos pertencentes a diversos grupos e situações comunitárias, e 14 instituições, designadamente:

1. Grupos de Crianças:

- Crianças das Escolas do Agrupamento do Alto do Lumiar (EB1 34, EB1 91, e EB1 Maria da Luz Deus Ramos).

2. Grupos de Jovens e Adultos:

- Festa da Família em Escolas do Agrupamento de Escolas do Alto do Lumiar;
- Feira das Galinheiras;
- Clube desportivo de Reguengo;
- Questionários no site “Viver na Alta”.
- Grupo de Babysitters;
- Grupo Antenas K;
- Encarregados de Educação participantes nos Clubes de Leitura e Escrita;
- Grupos A PAR formados na Alta de Lisboa e Charneca.

3. Grupos de Idosos:

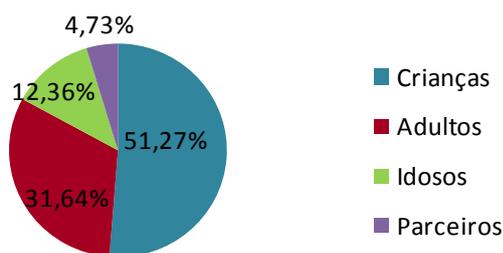
- Idosos do Centro de Desenvolvimento Comunitário da Charneca;
- Idosos do Centro Social Paroquial das Galinheiras;
- Idosos da Associação de Moradores do Bairro da Cruz Vermelha.

4. Grupos de Instituições Parceiras:

- Associação Aprender em Parceria - A PAR;
- Gebalis;
- Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco;
- Professores da EB1 34 pertencentes ao Agrupamento de Escolas do Alto do Lumiar;
- Centro Social da Musgueira;
- Irmãs do Bom Pastor;
- Carmoteca;
- Centro de Saúde do Lumiar;
- Associação de Moradores do Bairro da Cruz Vermelha;
- Grupo Pensar Juntos;
- Biblioteca Maria Keil;
- OMEP;
- Santa Casa da Misericórdia de Lisboa;
- EBI Pintor Almada Negreiros.

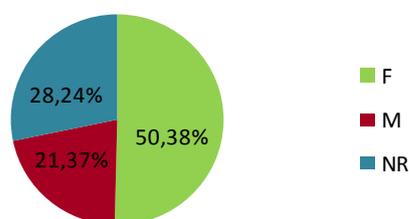
Analisando a distribuição da amostra pelos diversos grupos entrevistados verificou-se que a maioria foi composta por crianças (51,27%), seguida de jovens e adultos (31,64%), e da população sénior (12,36%). As instituições parceiras representaram os restantes 4,73%.

Gráfico 1 – Distribuição da Amostra por Grupos



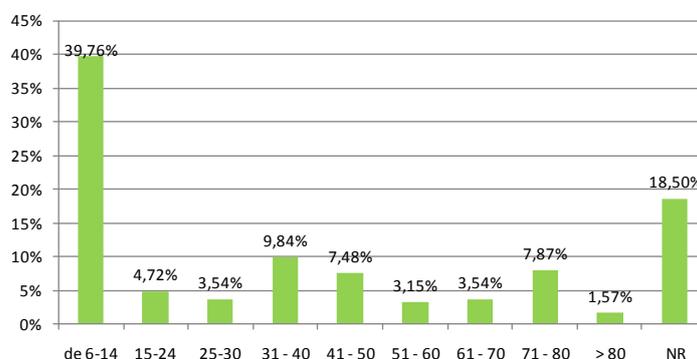
Atendendo à análise da amostra segundo o género constatou-se que a maioria dos inquiridos pertenciam ao sexo feminino (50,38%), face ao sexo masculino (21,37%). A percentagem de não respostas foi de 28,24%.

Gráfico 2 – Amostra por Género



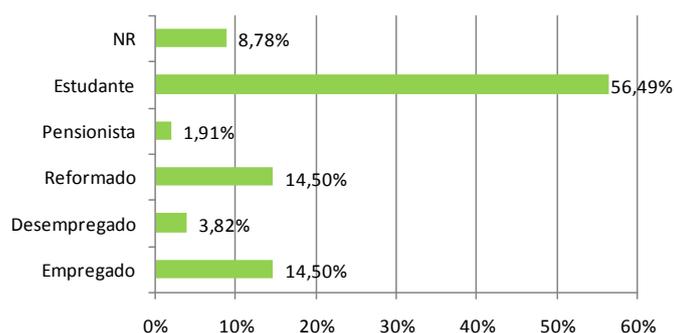
Quanto à faixa etária dos respondentes verificou-se que a maioria tinha uma idade inferior a 15 anos (39,76%), seguidos de adultos com idades entre os 31 e 40 anos (9,84%), e seniores com idades compreendidas entre os 71 e os 80 anos (7,87%). A percentagem de não resposta a esta questão foi de 18,50%.

Gráfico 3 – Faixa Etária da Amostra



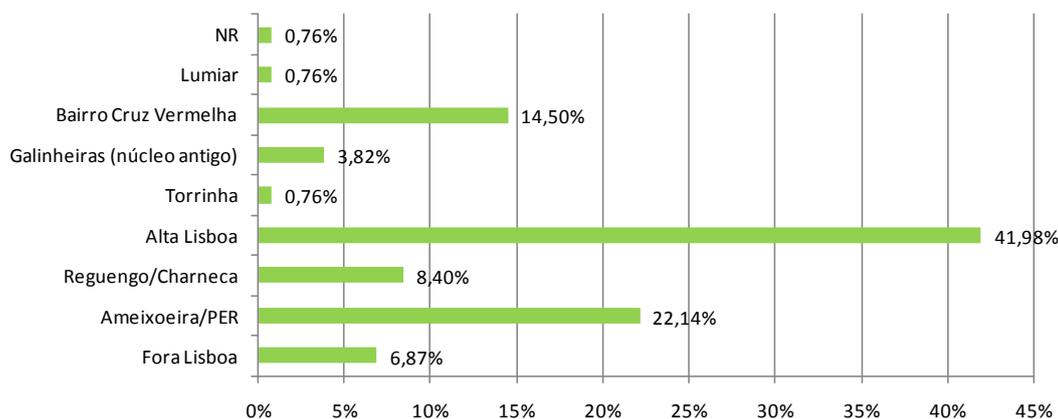
Relativamente à situação face ao emprego verificou-se que a grande maioria dos respondentes desta amostra eram estudantes (56,49%), reformados (14,50%) e empregados (14,50%).

Gráfico 4 – Situação Profissional da Amostra



Ao nível do local de residência dos participantes a grande maioria referiu habitar na Alta de Lisboa (41,98%), na Ameixoeira/PER (22,14%), no Bairro da Cruz Vermelha (14,50%) e no Reguengo/Charneca (8,40%).

Gráfico 5 – Local de Residência da Amostra



3. Instrumentos de Recolha de Dados e Procedimentos

Para a realização deste pré-diagnóstico na comunidade realizaram-se um conjunto de entrevistas semi-estruturadas que tiveram por base dois guiões adaptados a crianças e adultos, nos quais foram colocadas as seguintes questões:

Tabela 1 – Questões dos Guiões de Entrevistas

| Categories | Questões |
|---|--|
| Definição de família | . “Para ti, o que é uma família?” - crianças |
| As preocupações das famílias | . “Na tua opinião, de que precisa uma família? Ou o que tem de haver para que seja uma boa família? Funcione bem?” – crianças; . “Quais diriam ser as 3 principais preocupações das famílias da Alta de Lisboa e Charneca?” – adultos e instituições; |
| Rede de suporte formal e informal que as famílias recorrem quando necessitam de ajuda, e o tipo de apoios que obtêm | . “Com que apoios contam as famílias quando enfrentam dificuldades?” – adultos e instituições; |
| Sonhos/desejos futuros | . “Se tivesses uma varinha mágica, o que farias para que todas as famílias fossem felizes?” - crianças . “Se pudesse decidir, que serviços ou apoios criaria para as famílias na Alta?” – adultos e instituições; |

As entrevistas foram realizadas de forma distinta consoante os grupos, designadamente através de um questionário em papel, através de um painel comunitário (breves questionários aplicados em contexto comunitário) e através de uma plataforma on-line, tal como se pode verificar nas imagens seguintes:

Imagem 1 – Instrumentos de Recolha de Dados



Além das entrevistas, foram também utilizados como instrumentos de recolha de dados os desenhos das crianças sobre a temática da família (“*Podes fazer um desenho sobre o que disseste?*”).

4. Procedimentos

A aplicação dos instrumentos foi efectuada por uma equipa de investigadores em todos os grupos, excepto no grupo das crianças que foi efectuada por Professores de Actividades Extra-Curriculares, dado encontrarem-se a abordar a temática das famílias.

Quanto ao local de realização das entrevistas privilegiou-se os ambientes familiares aos participantes, designadamente nas Escolas, Associações, Centros Sociais e de Desenvolvimento Comunitários, entre outros.

No que concerne à realização das entrevistas, todas as entidades envolvidas (Agrupamentos de Escolas, Associações, Centros Sociais e de Desenvolvimento Comunitário) foram informadas pelos investigadores sobre a natureza e objectivos deste estudo, tendo sido posteriormente marcados momentos específicos para a realização deste levantamento de informação. No caso das crianças, foi ainda solicitado um pedido de autorização aos Encarregados de Educação para a realização da recolha de informação e divulgação em relatório.

Em média, cada entrevista decorreu durante cerca de 20 minutos.

5. Tratamento dos Dados

Relativamente ao tratamento dos dados realizou-se a transcrição de todas as entrevistas tendo sido realizada uma análise de conteúdo da qual emergiram três categorias:

Tabela 2 – Categorias Pré-Estabelecidas

| |
|-------------------------------------|
| Preocupações das famílias |
| Apoio das famílias |
| Sonhos/desejos futuros das famílias |

Destas categorias emergiram um conjunto de unidades de sentido que permitirão compreender a intencionalidade do significado das respostas.

Tabela 3 – Categorias e Unidades de Sentido

| Categorias | Unidades de Sentido | Significados |
|----------------------------------|--|--|
| Preocupações das Famílias | Acompanhamento às famílias | Questões relacionadas com dificuldades no apoio e acompanhamento prestados às famílias. |
| | Equipamentos e/ou respostas sociais | Questões relacionadas com a preocupação de falta de equipamentos e/ou respostas para a infância; juventude; e adultos/idosos. |
| | Competências pessoais e sociais | Questões relacionadas com a carência ao nível das competências pessoais e sociais (autonomia, responsabilidade, etc.) com influência nos seus projectos de vida. |
| | Espaços e momentos de lazer e convívio | Questões relacionadas com a ausência de zonas de lazer e momentos de animação comunitária. |
| | Cidadania | Questões relacionadas com o racismo, respeito pela diversidade; criação de associações; e limpeza, higiene e manutenção urbana. |
| | Relações comunitárias | Questões relacionadas com conflitos entre vizinhos, autoridade policial e/ou escolas. |

| | | |
|----------------------------|---|--|
| | Emprego e/ou dificuldades financeiras | Questões relacionadas com situações de desemprego e/ou carência económica. |
| | Educação dos filhos/ escola | Questões relacionadas com a função parental educativa (acompanhamento, disciplina) e/ou escolar. |
| | Formação/ educação | Questões relacionadas com a aprendizagem e formação profissional de adultos. |
| | Segurança | Questões relacionadas com sentimentos de insegurança na comunidade; falta de policiamento; roubos; ou tráfico de droga; |
| | Necessidades básicas | Questões relacionadas com dificuldades na qualidade da alimentação; higiene; habitação; supervisão e cuidados às crianças e idosos; vestuário. |
| | Relações familiares | Questões relacionadas com situações de conflitos e/ou violência familiar (física ou verbal), mas também relações de afectividade como o amor, carinho e ternura; amizade e apoio; união familiar; convivência familiar; paz e harmonia; felicidade e alegria e existência de elementos familiares. |
| | Saúde | Questões relacionadas com dificuldades ao nível da saúde e assistência médica; comportamentos aditivos e planeamento da gravidez. |
| | Serviços locais e/ou transportes na comunidade | Questões relacionadas com a ausência de serviços de proximidade; e ausência ou desadequação dos horários de transportes públicos e acessibilidades. |
| Apoios das Famílias | Amas | Pessoas ressarcidas pela supervisão de crianças. |
| | Amigos | Fonte de suporte informal que presta apoio emocional, logístico, e/ou financeiro às famílias. |
| | Família | Fonte de suporte informal que presta apoio emocional, logístico, e/ou financeiro às famílias. |
| | Instituições de apoio social e/ou organismos públicos | Fonte de suporte formal que presta apoio psicológico, logístico, e/ou financeiro às famílias. |
| | Vizinhos | Fonte de suporte informal que presta apoio emocional, logístico, e/ou financeiro às famílias. |

| Categorias | Unidades de Sentido | Significados |
|--|--|--|
| Sonhos/Desejos Futuros das Famílias | Acompanhamento às famílias | Questões relacionadas com a criação de mecanismos de apoio e acompanhamento prestados às famílias. |
| | Equipamentos e/ou respostas sociais | Questões relacionadas com a criação de equipamentos /serviços e/ou respostas para a infância; juventude; adultos/idosos; espaços de partilha entre pares. |
| | Competências pessoais e sociais | Questões relacionadas com o aumento das competências pessoais e sociais dos adultos e jovens com influência nos seus projectos de vida (autonomia, responsabilidade, etc.) |
| | Espaços e momentos de lazer e convívio | Questões relacionadas com a criação de zonas de lazer e momentos de animação comunitária. |
| | Cidadania | Questões relacionadas com o racismo, respeito pela diversidade; criação de associações; e limpeza, higiene e manutenção urbana. |
| | Emprego e/ condições financeiras | Questões relacionadas com a procura de emprego; condições laborais; e aumento das condições económicas provenientes do emprego. |
| | Educação dos filhos/ escola | Questões relacionadas com a função parental educativa (disciplina) e/ou escolar. |
| | Formação/ educação | Questões relacionadas com a aprendizagem e formação profissional de adultos. |
| | Segurança | Questões relacionadas com o aumento do sentimento da segurança na comunidade. |
| | Necessidades básicas | Questões relacionadas com o aumento da qualidade da alimentação; habitação; supervisão e cuidados às crianças e idosos; vestuário. |
| | Relações familiares | Questões relacionadas com situações de conflitos e/ou violência familiar (física ou verbal), mas também relações de afectividade como o amor, carinho e ternura; amizade e apoio; união familiar; convivência familiar; paz e harmonia; felicidade e alegria e existência de elementos familiares. |
| | Saúde | Questões relacionadas com a melhoria das características a nível da saúde e assistência médica; comportamentos aditivos; e planeamento da gravidez. |
| | Serviços locais e/ou transportes na comunidade | Questões relacionadas com a criação de serviços de proximidade; e adequação dos horários de transportes públicos. |
| | Parcerias/Plataformas de informação | Questões relacionadas com a necessidade de tornar mais célere e eficaz a passagem de informação sobre serviços e apoios existentes, bem como os encaminhamentos respectivos; parcerias e comunicação mais eficazes. |
| Sair do bairro | Questões relacionadas com o desejo de saída do bairro. | |

6. Resultados

Os resultados a seguir apresentados foram agrupados em quatro grupos distintos, designadamente um primeiro grupo de resultados de todas as crianças entrevistadas, um segundo grupo composto por jovens e adultos, um terceiro grupo representativo dos seniores, e um quarto das instituições parceiras:

6.1. Grupo de Crianças

Caracterização da amostra

As entrevistas foram realizadas a um total de 141 crianças do Agrupamento de Escolas do Alto Lumiar no ano lectivo de 2008/2009, sendo que destas 50,35% frequentavam a EB1 34, 12,77% a EB1 91, e 36,88% a EB1 Maria da Luz Deus Ramos.

Analisando a distribuição deste grupo segundo o género constatou-se que a maioria dos participantes era predominantemente do sexo feminino (31,21%), embora a percentagem de não respostas tivesse sido bastante elevada (51,06%). Quanto à faixa etária, a maioria situou-se entre os 6 e 9 anos (70,92%). Relativamente ao local de residência, a maioria das crianças referiu residir na Alta de Lisboa (50,35%), Ameixoeira (36,88%), e Bairro da Cruz Vermelha (12,77%).

Gráfico 6 – Grupo de Crianças segundo o Género

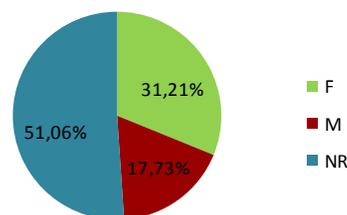


Gráfico 7 – Faixa Etária do Grupo de Crianças

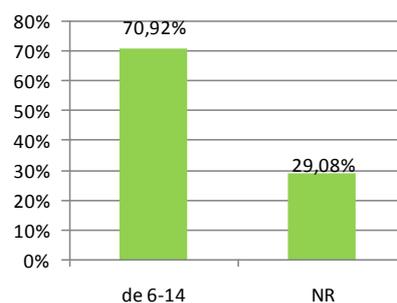
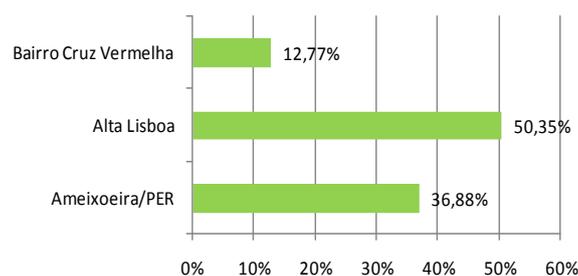


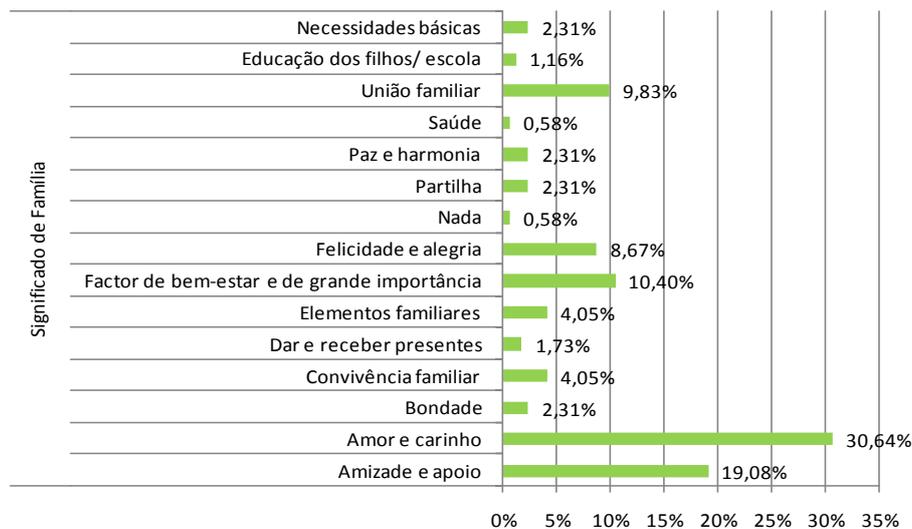
Gráfico 8 – Local de Residência do Grupo de Crianças



Significado da palavra Família

Tal como se verifica pelo gráfico 9, as crianças enunciaram um conjunto de atribuições em relação às famílias. As características mais referenciadas pressupõem, assim, a existência de amor e carinho (30,64%), amizade e apoio (19,08%). Referiram ainda que uma família devia constituir uma fonte de bem-estar de grande importância (10,40%), devendo ser unida (9,83%), feliz e alegre (8,67%). Mencionaram também que uma família devia conter elementos familiares (4,05%) que satisfizessem as necessidades básicas (2,31%), convivessem entre si (4,05%) com paz e harmonia (2,31%), com momentos de partilha (2,31%) e de bondade (2,31%).

Gráfico 9 – Significado da Família segundo as Crianças

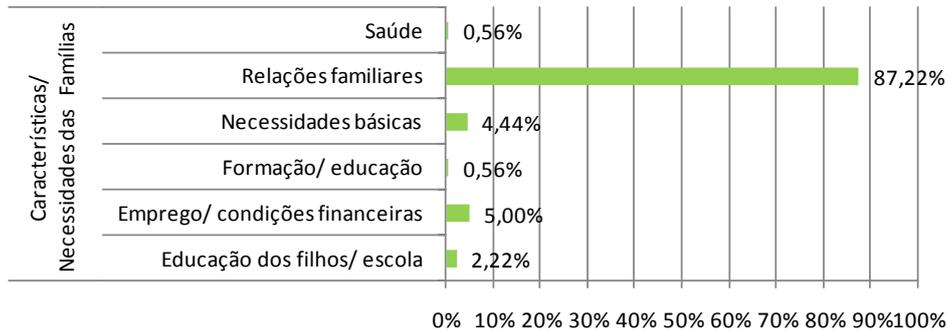


“Comer, não ficar sozinha, ter sorte por ter uma família tão grande.”
“Significa ter um pai e uma mãe que nos dão carinho e um irmão para brincar.”
“A minha mãe a cozinhar.”
“Para mim a família é especial porque gosto dela e gosto de estar com ela.”
“Para mim a palavra família significa união.”
“Significa amor e carinho.”
“Significa pessoas unidas para sempre.”
“Família significa felicidade.”
“Com a minha família está tudo bem.”
“Família significa bondade.”
“Para mim significa tudo porque sem família não sou nada”.

Preocupações das Famílias

Tal como se verifica pelo gráfico 10, as crianças apontaram como uma das preocupações/necessidades das famílias as relações familiares (87,22%) tanto no sentido da afectividade positiva (88,54%) como ao nível da existência de conflitos e/ou violência familiar (18,46%). De forma menos expressiva, estes identificaram ainda o desemprego e/ou dificuldades financeiras (5%), a satisfação de necessidades básicas como alimentação e vestuário (4,44%) e a educação dos filhos/ escola (2,22%).

Gráfico 10 – Necessidades de uma Família segundo as Crianças

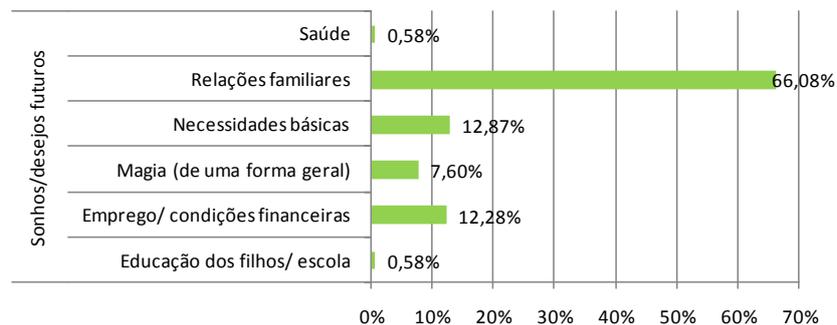


“A minha opinião é que as famílias não deviam discutir à frente dos filhos”.
“Para uma família funcionar bem tem que haver dinheiro”.
“A família tem de ser portar bem, eu tenho de me portar bem e fazer as minhas coisas. A minha família funciona bem, porque agora estou-me a portar bem”.
“...saberem ler porque a minha mãe não sabe ler”.
“...comprar muita comida para não ficarmos sem nada”.
“Se eu tivesse uma varinha mágica dava uma boa casa a todas as famílias”.
“Na minha opinião precisam que sejam todos unidos. Tem de haver união para ser uma boa família”.
“Os filhos fiquem com os pais”.
“A mãe e o pai são o centro da família. São o que fazem a família funcionar bem”.

Sonhos/Desejos Futuros das Famílias

Tal como se pode verificar pelo gráfico 11, os principais sonhos/desejos de melhoria futuros das crianças na área das famílias relacionou-se com as relações familiares ao nível da afectividade pela positiva (66,08%). Ainda, algumas respostas estão associadas à satisfação de necessidades básicas como comer, vestir, ter casa (12,87%), o aumento do emprego e/ou condições financeiras (12,28%). Por fim, algumas crianças referem a magia de uma forma geral (7,60%), recorrendo à fantasia para responder a esta questão.

Gráfico 11 – Sonhos/Desejos Futuros segundo as Crianças



“Fazia com que houvesse mais trocas de carinho entre pais e filhos”.
“Que o meu pai não batesse na mãe”.
“Se eu tivesse uma varinha mágica gostava que o meu avô fosse uma pessoa melhor e fosse bom para a minha avó”.
“Dava dinheiro para comprarem as coisas de que precisam e não podem comprar”.
“Se eu tivesse uma varinha mágica dava comida a todas as famílias”.
“Se eu tivesse uma varinha mágica punha a escola limpa”.
“Se eu tivesse uma varinha mágica mudava o mau comportamento dos pais que se embebedam”.

6.2. Grupo de Jovens e Adultos

Caracterização da amostra

As entrevistas foram realizadas a um total de 87 participantes jovens e adultos pertencentes a diferentes grupos e/ou situações comunitárias. Analisando a distribuição deste grupo segundo o género constatou-se que responderam a esta questão maioritariamente elementos do sexo feminino (66,67%) face aos elementos do sexo masculino (31,03%). Quanto à faixa etária, a maioria dos participantes situou-se entre os 31 e os 50 anos (53,17%), seguido dos jovens entre os 15 e os 24 anos (15,19%). Ao nível do local de residência, a grande maioria dos inquiridos afirmou residir na Alta de Lisboa não especificando a zona (43,68%), no Bairro da Cruz Vermelha (12,64%), no Reguengo/Charneca (11,49%) e nas Galinheiras - núcleo antigo (6,90%). Quanto à situação profissional a maioria referiu estar empregado (43,68%), seguido da situação de desemprego (11,49%), estudante (8,05%), reformado (6,90%), e pensionista (3,45%). No entanto, a percentagem de não respostas a esta questão foi elevada (26,44%).

Gráfico 12 – Género do Grupo de Jovens/Adultos

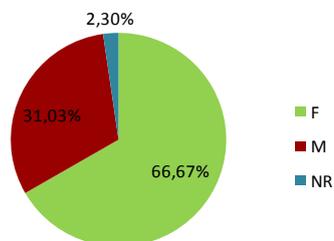


Gráfico 13 – Faixa Etária do Grupo de Jovens/Adultos

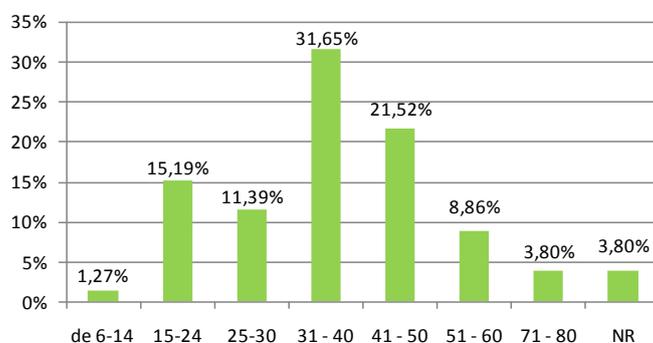


Gráfico 14 – Local de Residência do Grupo de Jovens/Adultos

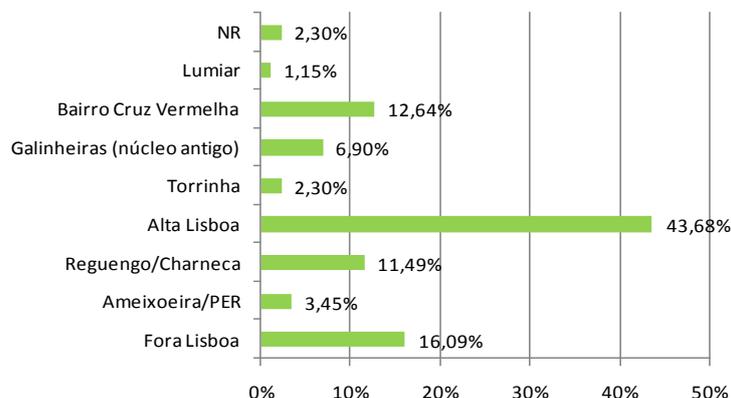
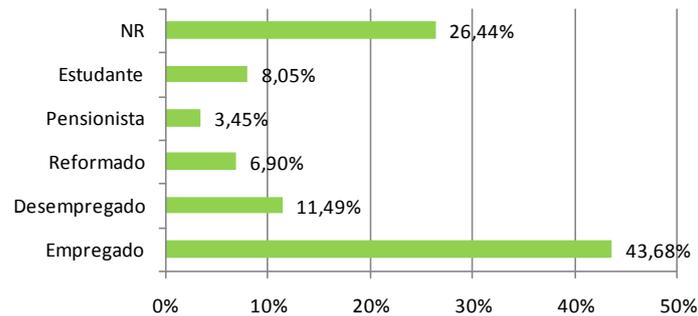


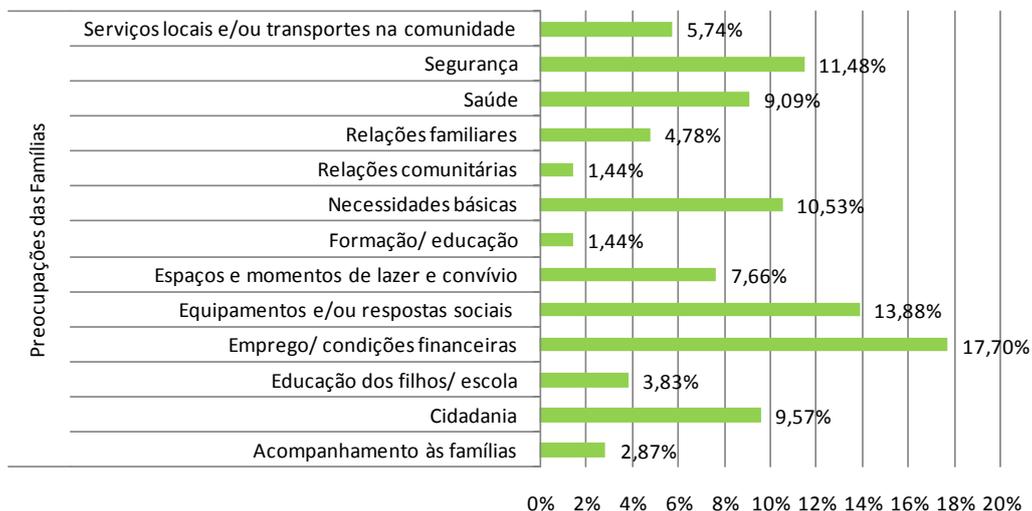
Gráfico 15 – Situação Profissional do Grupo de Jovens/Adultos



Preocupações das Famílias

Tal como se verifica pelo gráfico 16, as principais preocupações das famílias apontadas por este grupo relacionaram-se com o **desemprego e/ou dificuldades financeiras** (17,70%), e a **carência de equipamentos e/ou respostas sociais** (13,88%) maioritariamente ao nível da infância (72,41%), mas também da juventude (13,79%) e dos seniores (13,79%). Também surgiram preocupações ao nível da **insegurança** (11,48%), da **satisfação de necessidades básicas** (10,53%), da **falta de cidadania** (9,57%) e do **acesso a serviços de saúde** (9,09%). Também foram identificadas a **carência de espaços e momentos de lazer e convívio** (7,66%), a **carência de serviços locais e/ou transportes na comunidade** (5,74%) e as dificuldades sentidas na **educação dos filhos/ escola** (3,83%). As **relações familiares** também foram nomeadas (4,78%) tendo sido a grande maioria referências positivas (72,73%) face à existência de conflitos e/ou violência familiar (27,27%).

Gráfico 16 – Preocupações das Famílias segundo o Grupo de Jovens/Adultos



“Falta dinheiro, há pouco dinheiro e há crise. Falta trabalho... as pessoas que querem trabalho não têm trabalho. Ordenados pequenos e o custo de vida muito caro... a renda de 2 em 2 anos aumenta, a luz e gás aumentam, e o ordenado é pequeno... não dá para combater a inflação. As crianças pedem coisas e os pais não têm dinheiro... o dinheiro para comer também falta às vezes.”

“É difícil as vagas [para creches].”

“(...)Em Agosto fecha a escola e o ATL, e tenho por acaso uma chefe muito compreensiva que me dá esse mês, senão não tinha onde colocá-la (...).”

“...vê-se crianças pela rua a horas tardes, os pais preferem estar em casa a ver televisão, e os miúdos a brincar sozinhos na rua. Crianças maltratadas... vão sujas para a escolinha, com piolhos...”

“Não terem comida para os filhos, cada vez está pior.”

“Actos de Vandalismo (paredes de prédios pintadas com grafites ou parques infantis semi-destruídos, árvores arrancadas dos canteiros, destruição de vários tipos de equipamento urbano, etc.).”

“A droga e a bebedeira no meu prédio [R. Maria José Aguiar], no rés-do-chão, na cave é uma desgraça. É só garrafas de cerveja e droga.”

“Tenho uma amiga [“Bairro do Kosovo”] que estava no oitavo mês mas que não sabia que estava grávida, e nós não reparámos porque ela usava sempre uma camisola à cintura. Ela achava que eram as banhas, só que depois a mãe dela perguntou-lhe pelo período e aí é que foram ao médico... a mãe dela ajuda-a, dá-lhe o que precisa.”

“Há miúdos muito mal-educados que gozam, batem, fazem queixinhas aos pais, os pais vêm cá à escola, arranjam confusão com os professores, as contínuas...”

Apoios das Famílias

Tal como se verifica pelo gráfico 17, as principais fontes de apoio identificadas por este grupo relacionaram-se com as **instituições de apoio social e/ou organismos públicos** (39,64%), a **família** (30,63%), e os **vizinhos** (18,92%). De forma a compreender as percepções que os indivíduos possuíam sobre o tipo de apoio recebido pelas fontes por si identificadas verificou-se que 78,36% dos participantes reportaram-se a estes apoios de forma positiva, face a 21,63% que o fizeram de forma negativa, ou seja, referindo que não têm apoio suficiente.

Gráfico 17 – Fontes de Apoio perante as Dificuldades segundo o Grupo de Jovens/Adultos

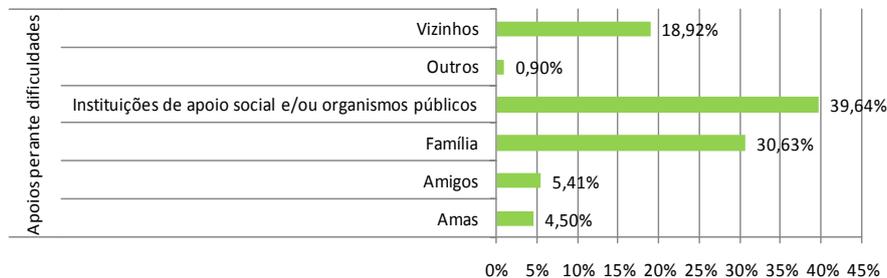
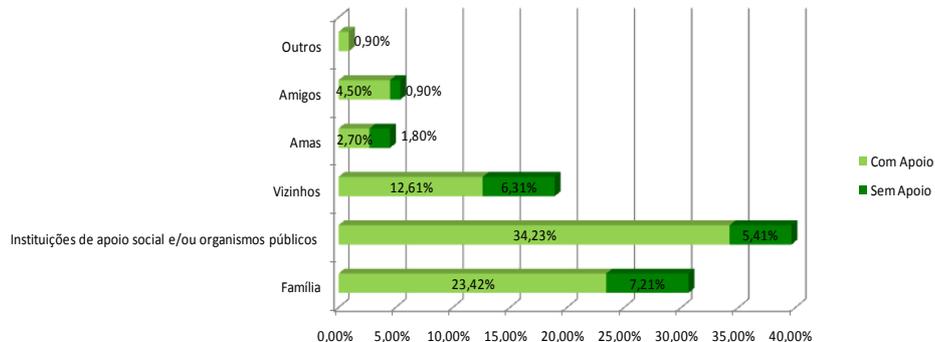


Gráfico 18 – Tipo de Apoio perante as Dificuldades segundo o grupo de Jovens/Adultos



“Créditos.”

“Banco alimentar, RSI que eu não concordo mas eu não mudo o mundo. Eu concordo quando é para as pessoas se organizarem aí tudo bem, mas não é para ser como se fosse uma reforma, depois há a procura de emprego. As paróquias também dão uma ajudazinha, distribuição mensal de géneros, alimentos, ajuda a dependentes (higiene).”

“Infantários mais baratos. Cabazes.”

“Existem apoios disponíveis para as famílias carenciadas economicamente - CML, Misericórdia, associações de apoio a residentes locais.”

“A família, normalmente na alimentação, porque os ordenados são pouquinhos, é pagar renda, água, luz...”

“A família que vem buscar e trazer os filhos, fica com elas quando venho do trabalho. Sei que posso contar com a família, a minha mãe e a minha sogra.”

“A família nunca posso contar 'quando peço uma garrafa eles dizem traz um garrafão'.”

“Os amigos para ajudar a ouvir as nossas dificuldades.”

“Não existe apoio real. Existe pouco o espírito de comunidade dentro do bairro, foi perdido com o acabar dos bairros antigos.”

“...a população é que se vai inter-ajudando, por outros meios é muito difícil.”

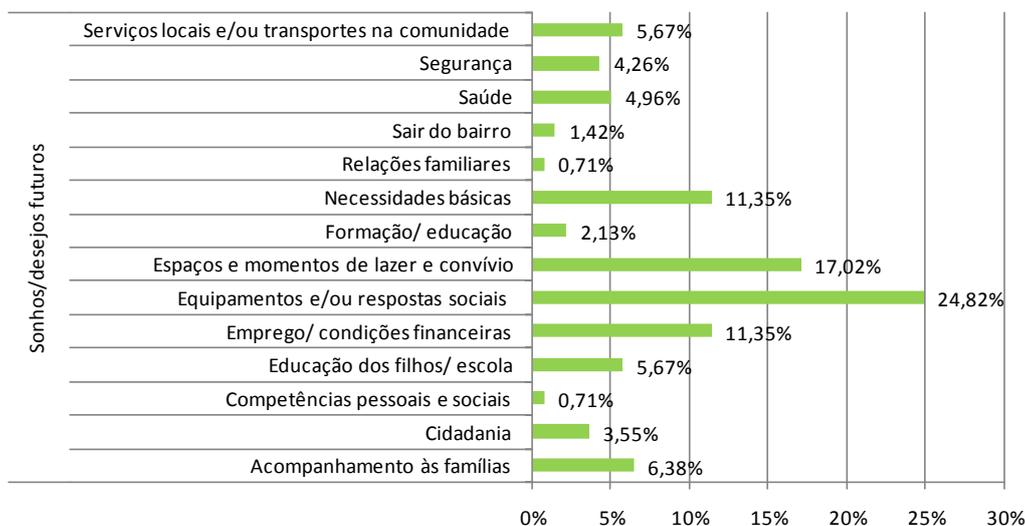
“E os vizinhos, que ficam com a minha filha, vem buscar, vem pôr, quando falta a água...”

“Amas que não sabem cuidar das crianças, com cães em casa com pulgas, e não terem formação.”

Sonhos/Desejos Futuros das Famílias

Tal como se verifica pelo gráfico 21, o principal sonho/desejo de mudança e/ou melhoria identificado por este grupo relacionou-se com a criação **de equipamentos e/ou respostas sociais** (24,82%) ao nível da infância (68,57%), dos jovens (17,14%), dos seniores (8,57%), dos imigrantes (2,86%), e outros (2,86%). Seguem-se a **criação de espaços e momentos de lazer e convívio** (17,02%) e a **criação/melhoria de emprego/condições financeiras** (11,35%). Ainda, aspirações quanto à **satisfação de necessidades básicas** (11,35%), **acompanhamento às famílias** (6,38%), **criação de serviços locais e/ou transportes na comunidade** (5,67%), **apoio na educação dos filhos/ escola** (5,67%), **melhoria dos serviços de saúde** (4,96%), e aumento da **segurança** (4,26%).

Gráfico 18 – Sonhos/Desejos Futuros segundo o Grupo de Jovens/Adultos



“Mais creches para as crianças, eu sei que há mas são poucas. Um sítio que os pais vão trabalhar e saibam que os filhos estão como se estivessem connosco. (...) Creches.”

“Não há convivência uns com os outros [comunidade] ... tinham de se conhecer melhor. Não há confiança, e há muita bandidagem. Podia-se criar desportos para todos, passeios, e a falar também... fazíamos actividades, jogos.”

“Emprego remunerado em vez de subsídios de desemprego.”

“Uma cantina para dar de comer aos mais pobres.”

“Gabinetes de apoio às famílias, uma espécie de placa giratória para encaminhar as pessoas. Captar as pessoas para as redes, e encaminhá-las. Dar informação que precisam.”

“Cartão de desconto nas lojas da freguesia para os moradores.”

“Tenho medo da escola, há pouca vigilância nos recreios. Os pais não deviam entrar na escola, batem nos professores dentro da escola se for preciso (...) Mais protecção/carrinha “serviço de vigilância” que devia estar de manhã à noite e não deixar os pais entrar na escola, os pais são principalmente os culpados, falta educação aos pais. A polícia tem medo deles, devia ser de choque.”

“Fazia coisas para as pessoas que bebem e andam na droga, não sei se resultava porque as pessoas não querem.”

“[Centro de Saúde] É preciso pedir para abrir mais horas (24horas sobre 24horas).”

“Criar mais segurança para as pessoas e bens. Criar urgentemente um quartel de bombeiros e uma super esquadra.”

“Podíamos fazer a horta de caridades e angariar fundos e fazermos uma instituição de apoio a crianças e idosos.”

“Uma associação de estudantes ou de inquilinos porque agora não há.”

“Orientação às famílias, têm dificuldades em gerir o orçamento... quando têm vão comer na pastelaria, quando podiam com o dinheiro que gastam com o galão e o pão na pastelaria comprar mais leite e pão no supermercado, e durava mais.”

6.3. Grupo de Seniores

Caracterização da amostra

As entrevistas foram realizadas a um total de 34 participantes de diferentes grupos de idosos existentes na comunidade, sendo que destes 35,29% pertenciam ao Centro Social e Paroquial das Galinheiras, 35,29% ao Centro Social da Charneca, e os restantes 24,41% à Associação de Moradores do Bairro da Cruz Vermelha. Quanto à distribuição dos participantes por género, constatou-se que a grande maioria pertencia ao sexo feminino (88,24%), face ao sexo masculino (11,76%). Quanto à faixa etária deste grupo, verificou-se que a grande maioria dos respondentes foram idosos com idades compreendidas entre os 71 e os 80 anos (50%). Quanto à situação profissional a maioria deste grupo inseriu-se na categoria de reformado (94,12%), e pensionista (5,88%). Relativamente ao local de residência a maioria residia no Reguengo/Charneca (35,29%), e no Bairro da Cruz Vermelha (26,47%).

Gráfico 19 – Género do Grupo de Idosos

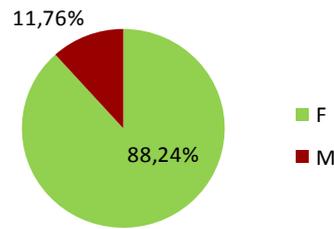


Gráfico 20 – Faixa Etária do Grupo de Idosos

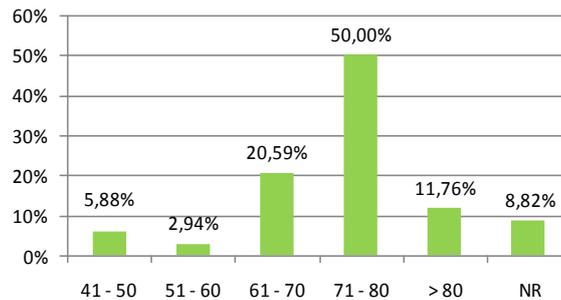


Gráfico 21 – Situação Profissional do Grupo de Idosos

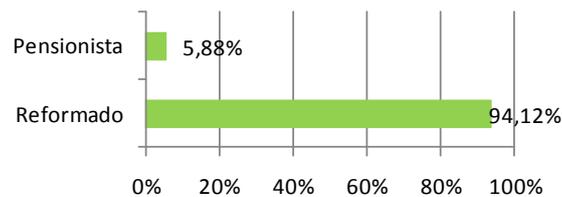
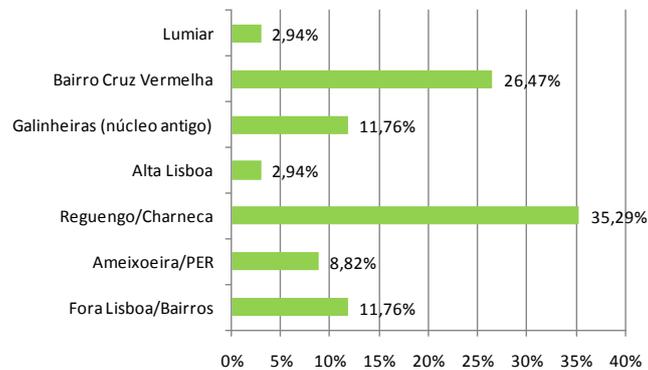


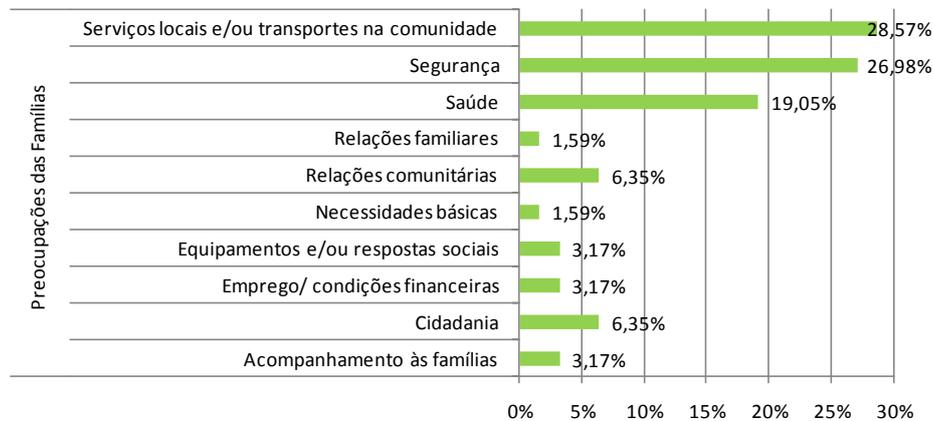
Gráfico 22 – Local de Residência do Grupo de Idosos



Preocupações das Famílias

Tal como se verifica pelo gráfico 23, as principais preocupações das famílias apontadas por este grupo relacionaram-se com a **carência de serviços locais e/ou transportes na comunidade** (28,57%), sentimentos de **insegurança** (26,98%), e aspectos relacionados com a **saúde** (19,05%). Foram ainda identificados por este grupo a **falta de cidadania** (6,35%), as **relações comunitárias conflituosas** (6,35%), seguido da falta de **acompanhamento às famílias** (3,17%), o **desemprego e/ou dificuldades financeiras** (3,17%) e a **carência de equipamentos e/ou respostas sociais** (3,17%) ao nível da infância (100%).

Gráfico 23 – Preocupações das Famílias segundo o Grupo de Idosos



“(...) as pessoas gerem mal o dinheiro, estragam muita comida, não é como antigamente (...)”.
“Na minha rua conheço um casal que trabalha por turnos e têm um filho na creche, mas às vezes não têm horário para tomar conta do filho. O pai antes de ir trabalhar à noite vai buscá-lo, depois pede a um vizinho para tomar conta do menino, e depois vão lá buscá-lo”.
“Falta de transportes para ir ao hospital ou ao centro de saúde do Lumiar. Aos fins-de-semana não há, temos de chamar um táxi...”.
“Um supermercado mais barato aqui perto que estas mercearias são uma roubalheira!”.
“Há problemas com o lixo na rua. Também há animais com pulgas e carraças e se dizemos alguma coisa ainda mandam vir connosco”.
“A polícia antes era mais respeitada, a juventude não é como antigamente (...) Até os pais nas escolas... se for preciso vão lá bater na professora (...)”.
“(...) O meu filho está a trabalhar e não recebe... se não fosse eu, o meu filho passava fome (...) há muitos que não trabalham, porque recebem o Rendimento Social de Inserção”.
“Insegurança, as pessoas queixam-se (...) As pessoas têm medo de sair de dia quanto mais à noite. Temos ali um jardim que é muito bom, mas temos aqui muitos marginais, eles não olham a meios para conseguir os seus fins”.
“Os filhos estão sempre no computador quando os pais chegam a casa... falta conversarem. Eu era pobre mas havia amizade uns pelos outros...”.
“Aqui há muitos drogados... a minha filha não pode andar sozinha porque não tem mentalidade para isso... só eu é que sei o esforço que fiz para ir com ela à ginástica... depois vim de autocarro”.

Apoios das Famílias

Tal como se verifica pelo gráfico 24, as principais fontes de apoio identificadas por este grupo relacionaram-se com os vizinhos (40,63%), e a família (21,25%), seguida das instituições de apoio social e/ou organismos públicos (28,13%).

De forma a compreender as percepções que os indivíduos possuíam sobre a orientação/tipo de apoio recebido pelas fontes por si identificadas verificou-se que 87,50% dos participantes reportaram-se a estes apoios de forma positiva. Os únicos 12,50% que o fizeram de forma negativa referiram-se aos vizinhos.

Gráfico 24 – Fontes de Apoio perante as Dificuldades segundo o Grupo de Idosos

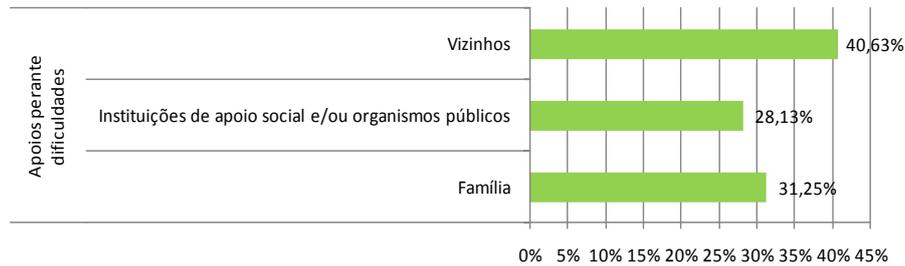
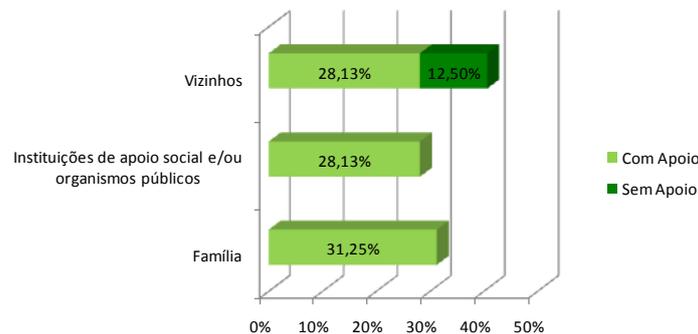


Gráfico 25 – Tipos de Apoio segundo o Grupo de Idosos



“Vamos sempre tomar aqui café [Galinheiras] ao Sábado. Batemos à porta e vamos (...) Vamos aqui à ginástica, algumas pessoas são de cá [Galinheiras] outras não”.

“Vizinhos. Como tenho falta de ar, de noite muitas vezes vou lá a casa e sentam-me numa cadeira e ajudam-me”.

“Temos um bem que é este centro, porque é de grande utilidade que caiu aqui neste lugar. Trás a leitura, a escrita, a internet. Temos os clubes também”.

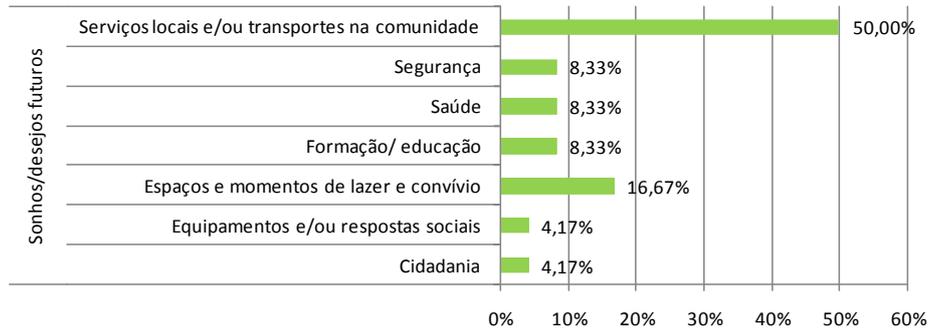
“Centro Saúde “vão a casa dar banhos aos velhos e ajudam muito. Explicam como fazer nos hospitais, mas não há transportes...”

“Eu vivo sozinha, o meu filho vive bastante longe. [Quando foi agredida] Liguei ao meu filho, por acaso estava em Lisboa, mas ele mora em Alverca”.

Sonhos/Desejos Futuros das Famílias

Tal como se verifica pelo gráfico 26, o principal sonho/desejo de mudança/melhoria identificado por este grupo relacionou-se com a **criação de serviços locais e/ou transportes na comunidade** (50%), seguido pela **criação de espaços e momentos de lazer e convívio** (16,67%). Com igual peso os participantes identificaram ainda o **aumento de segurança**, os aspectos relacionados com a **saúde** e a **formação/educação** (8,33%). Os restantes aspectos salientados foram a **criação de equipamentos e/ou respostas sociais** (4,17%) na área da infância (100%) e o aumento da cidadania (4,17%).

Gráfico 26 – Sonhos/Desejos Futuros segundo o Grupo de Idosos



"[Droga na Quinta dos Cucos] ...era melhor mais polícia... polícia para estarmos mais descansados".

"Gostava de aprender a mexer no computador para ir à internet".

"Eu vejo esta gente [do Centro Social] activa, que quer fazer coisas... é preciso alguém que impulse".

"O correio, porque é importante para levantar as encomendas, pagar a água, a luz..."

"E aqui mesmo no Centro devia haver uma enfermeira porque de repente as pessoas sentem-se mal, e têm que se esperar pelo 112... mas uma enfermeira para prestar os primeiros socorros".

"A gente precisava de um bocadinho de limpeza na rua".

"Mais espaços verdes "fazem as coisas mas nem sabemos o que vai sair dali. E esquecem-se que há crianças e deviam haver mais espaços para conviver e estar".

6.4. Grupo de Instituições

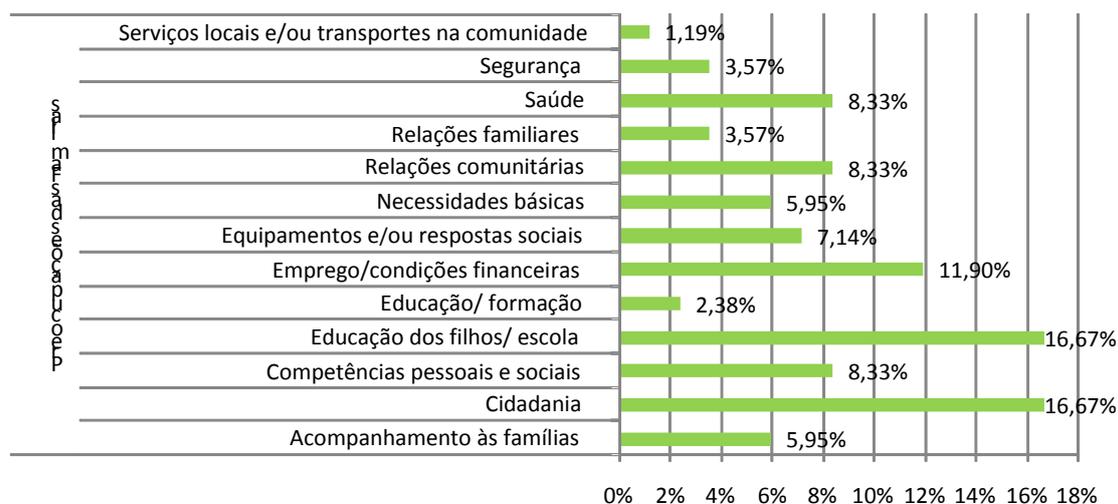
Caracterização da amostra

As entrevistas foram realizadas a um total de 14 instituições/associações com intervenção no território da Alta de Lisboa e Charneca (descrição acima).

Preocupações das Famílias

Tal como se verifica pelo gráfico 27, as principais preocupações das famílias apontadas pelos parceiros relacionaram-se com a **educação dos filhos/ escola**, ou seja, a sua função parental (16,67%) e com aspectos relacionados com a **falta de cidadania** (16,67%). Seguiram-se as questões relacionadas com o **desemprego e/ou dificuldades financeiras** (11,90%), a **saúde** (8,33%), as **relações comunitárias conflituosas** (8,33%), a **carência de competências pessoais e sociais** (8,33%), e a **carência de equipamentos e/ou respostas sociais** (7,14%). Surgiram também questões relacionadas com a **satisfação de necessidades básicas** (5,95%), a **falta de acompanhamento mais personalizado às famílias** (5,95%), **insegurança** (3,57%), e **relações familiares conflituosas e/ou de violência familiar** (3,57%).

Gráfico 27 – Preocupações das Famílias segundo as instituições



“Gravidezes não planeadas e adolescentes.”

“Instabilidade e conflitos entre os antigos bairros que dificulta a partilha entre famílias.”

“Receio de retirada das crianças/ sentimentos de perda (nas famílias encaminhadas pela CPCJ).”

“Falta de apoio a toxicod dependentes e alcoólicos.”

“Equipamentos infância/horários atípicos.”

“Preocupações com inclusão nas escolas.”

“Falta de uma cultura de participação que nem sempre é promovida pelas instituições.”

“A educação não formal deveria ser privilegiada/ aprendizagem em contextos informais e com linguagem adequada.”

“Pouca segurança na internet; pedofilia/ pouca autonomia e responsabilidade das crianças

“Higiene: das casas e das crianças (higiene oral, piolhos, roupa suja, etc.). Algumas crianças vêm com as mesmas cuecas dias seguidos, ou mesmo sem cuecas. Um das crianças, quando perguntámos se lavava os dentes, disse “às vezes”. Se olharmos depois para a mãe percebemos que também não lava.”

“O bairro tem cerca de 5000 habitantes, mas faltam acessibilidades. O “porta a porta” deixou de funcionar e os idosos todos têm que se deslocar diariamente ao Lumiar. Alguns têm muletas e dificuldade em mover-se. Os transportes não passam aqui nas ruas do bairro, só lá em cima. Já fizemos várias exposições para a Carris, abaixo-assinados para pedir autocarros, daqueles mais pequenos como existe nas ruas antigas de Lisboa.”

“Há muitos idosos isolados em casa e sem refeições. Às vezes fazemos aqui um lanche ou uma sopa e vemos que as pessoas ainda não tinham comido nada o dia todo. Há uma senhora que diz que só sabe fazer carne com massa.”

“Faltam creches, muitas mulheres querem ir trabalhar e não têm onde deixar as crianças. Já cá vieram algumas pedir para ficarmos com elas.”

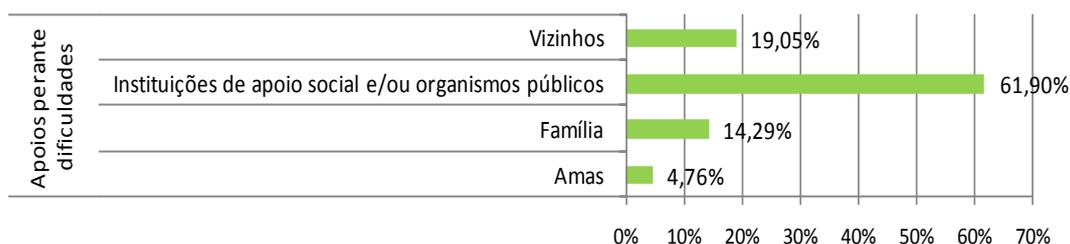
“Os pais queixam-se de falta de actividades/ocupação para as crianças e jovens no Verão, nomeadamente em Agosto. Muitas crianças e jovens ficam no bairro o Verão todo e saem pouco durante o ano lectivo.”

“Desemprego e emprego precário e pouca gestão orçamental.”

Apoios das famílias

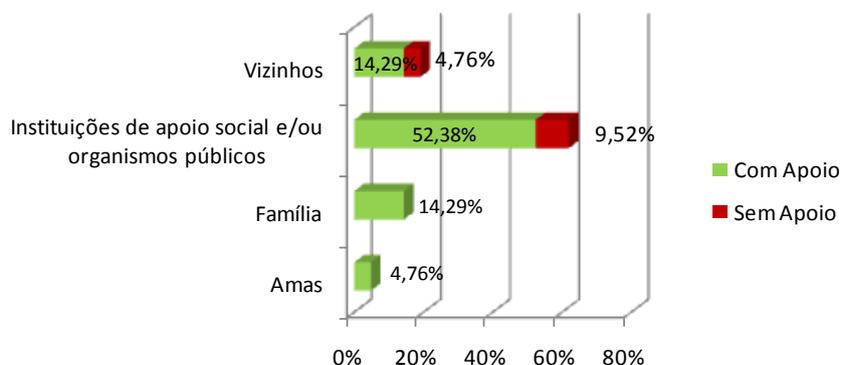
Tal como se verifica pelo gráfico 28, as principais fontes de apoio identificadas pelos parceiros relacionaram-se com as **instituições de apoio social e/ou organismos públicos** (61,90%), os **vizinhos** (19,05%), e a **família** (14,29%).

Gráfico 28 – Fontes de Apoio perante as Dificuldades segundo as instituições



De forma a compreender as percepções que os técnicos possuíam sobre a orientação/tipo de apoio recebido pelas famílias verificou-se que 85,72% das respostas incidiram sobre fontes de apoio com conotação positiva. As restantes 4,76% referiram que as famílias não obtinham apoio por parte dos vizinhos, e que 9,52% se sentiam pouco apoiadas pelas instituições de apoio social e/ou organismos públicos.

Gráfico 29 – Tipos de Apoio segundo o Grupo de Parceiros



“SCML; Assistentes sociais; Banco Alimentar; Junta de Freguesia; Apoio psicológico para as crianças.”

“Recorrem ao A PAR como recurso para colocar questões e desabafos mas as líderes nem sempre sabem como ajudar ou para onde os encaminhar.”

“A vizinhança nem sempre funciona como recurso pois as relações não são sempre positivas

“Há também muita pobreza envergonhada, as pessoas têm receio de recorrer à S. Social por terem dificuldade em pedir ajuda aliada aos entraves burocráticos.”

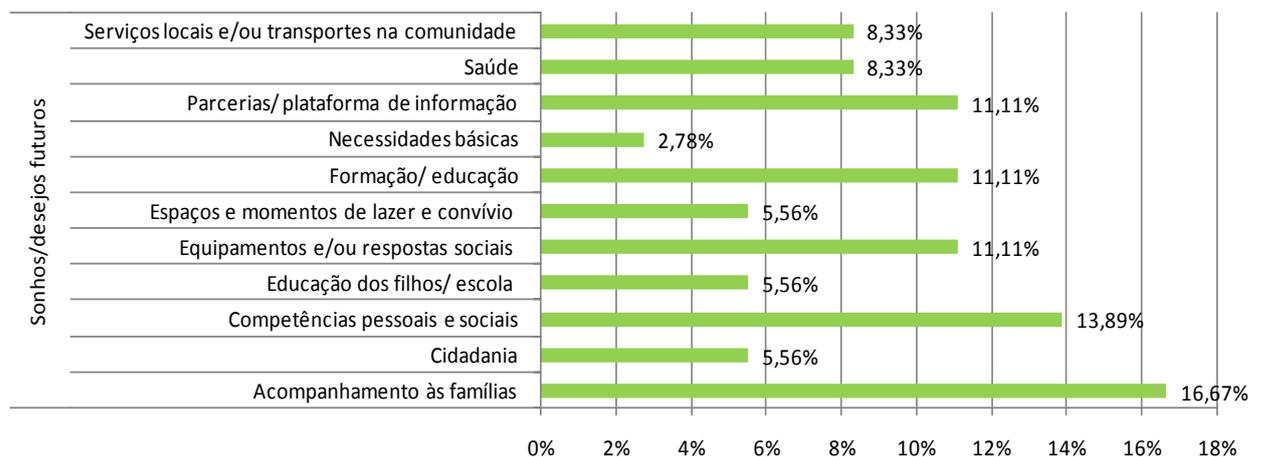
“Os pais recorrem muito a “amas de bairro”, e queixam-se que lhes pagam muito.

“Família.”

Sonhos/Desejos futuros das famílias

Tal como se verifica pelo gráfico 30, os principais sonhos/desejos futuros identificados pelos parceiros relacionaram-se com a **necessidade de um maior e mais individualizado acompanhamento às famílias** (16,67%), a aposta no **aumento das suas competências pessoais e sociais** (13,89%) com especial enfoque na questão da gestão doméstica, a **criação ou desenvolvimento das parcerias**, como a criação de plataformas de **partilha de informação sobre recursos existentes**, (11,11%), mais **formação/ educação para pais** (11,11%), e a criação de **mais equipamentos e/ou respostas sociais**, nomeadamente creches e serviços de apoio a idosos acamados (11,11%). Surgiram ainda questões relativas à **criação de serviços locais** e/ou melhoria da rede de **transportes** na comunidade (8,33%), e melhoria do **acesso aos cuidados de saúde** (8,33%). Com menor expressão ainda a criação de mais **espaços e momentos de lazer e convívio** (5,56%), um reforço das **competências das famílias para acompanhar a educação dos filhos e a sua vida escolar** (5,56%), e um **aumento da cidadania activa** (5,56%).

Gráfico 30 – Sonhos/Desejos Futuros segundo o Grupo de Parceiros



“Criação de um guia de recursos das famílias (recursos, instituições, subsídios, etc) e formação às líderes sobre os recursos existentes e formas de agir face às diferentes situações que possam surgir.”

“Que o voluntariado dos pais nas escolas possa ser canalizado também para apoio aos TPC. Por vezes basta que exista alguém que ouve a criança ler em voz alta para ir corrigindo a sua leitura.”

“Parcerias e articulação para programas na área da saúde, sexualidade e gestão doméstica (ex: formação parental).”

“Trabalhar as competências das famílias/ gestão das rotinas e organização familiar (cumprimento de prazos e regras das instituições, utilização dos serviços, etc.) e gestão doméstica.”

“Mais creches e Jardins de Infância.”

“Actividades com vertente mais lúdica e cultural para pais (passeio, saídas, etc.)”

“Maior aposta no emprego e na formação; Maior investimento na educação”

“Apoio a mães recentes/ educação parental e acompanhamento no domicílio. Criação de serviços de intervenção precoce com mães recentes e seus bebés, na área da gestão doméstica e dos cuidados às crianças/ acompanhantes familiares – eventual formação para estes acompanhantes em parceria CPCJ, C. Saúde, SCML, Centro Social Paroquial, etc.”

III. Diagnóstico

Tendo como premissa a promoção de uma intervenção integrada (ao nível da educação, saúde, emprego, cidadania), surgiu a necessidade do K'CIDADE aprofundar os resultados do pré-diagnóstico através de um diagnóstico participado com diferentes grupos da comunidade da Alta de Lisboa/Charneca potenciando a sua voz, bem como com o conjunto de parceiros que desenvolvem a sua intervenção nesta área. Assim, pretende-se com base neste documento sustentar um plano de acção que verse o desenvolvimento de competências pessoais, sociais, cívicas e parentais de grupos de interesse/ famílias no sentido da sua capacitação e com vista à sustentabilidade das respostas sociais e comunitárias. Pretende-se ainda que os seguintes dados possam reforçar o trabalho em rede/articulação entre as várias entidades que prestam serviços de apoio às famílias, bem como apoiar na criação de novas respostas e serviços.

1. Objectivos da Avaliação

Este diagnóstico teve na sua origem um conjunto de objectivos gerais dos quais se destacam:

1. Aprofundar as questões mais salientes que surgiram no pré-diagnóstico com diferentes grupos de indivíduos e instituições sinalizadas no pré-diagnóstico como tendo demonstrado algum interesse no desenvolvimento de actividades;
2. Mobilização dos participantes em grupos de interesse de acordo com as suas motivações;
3. Reforço de articulação/parcerias com instituições que operam na área do apoio às famílias.

2. Caracterização dos Actores Envolvidos

Neste diagnóstico participaram 32 indivíduos, designadamente crianças e adultos. Relativamente às crianças, obtivemos o contributo de 22 crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 11 anos, oriundas de diferentes zonas da Alta de Lisboa (Charneca, PER 11, Bairro Cruz Vermelha), sendo maioritariamente alunos de todas as escolas públicas da zona (Agrupamento de Escolas Pintor Almada Negreiros e Alto do Lumiar), sendo apenas 4 alunos de outras escolas (Agrupamento Lindley Cintra, e outras escolas fora da Alta de Lisboa/Lumiar). No que diz respeito aos adultos, foram convidadas 25 pessoas da comunidade. Foram seleccionadas entre os moradores que têm revelado vontade de colaborar activamente na comunidade ou já o fazem regularmente, bem como escolhidas pela sua representatividade em termos da população residente. Destes participaram 10 nos grupos.

4. Procedimentos

A metodologia dos “focus-group” foi seleccionada pelo seu cariz qualitativo, como complemento aos dados quantitativos obtidos mediante as restantes metodologias. Esta metodologia permitiu-nos promover encontros informais com os diferentes grupos com o objectivo de delinear as hipóteses de investigação e os princípios de uma possível intervenção, bem como inventariar o que tem sido feito por cada grupo em termos de acompanhamento às famílias. Assim, teve por objectivo potenciar a discussão e a auscultação de todos os implicados de forma a obter as suas impressões sobre o tema em discussão.

A reunião revestiu a forma de debate, tendo por orientação um guião funcionando já em si como uma intervenção, ao permitir a troca de ideias sobre as necessidades das famílias, troca de informações sobre os serviços disponíveis e o levantamento de sugestões e motivações para a criação de novas respostas.

As sessões foram realizadas no final do diagnóstico, como forma de devolução de resultados e discussão dos mesmos.

Um “focus group” consiste num grupo de pessoas que são reunidas com o objectivo de esclarecer um determinado assunto, sendo muito utilizados para gerar hipóteses, recolher informação ou para complementar resultados mais quantitativos (Rogers, Meyer, Walker e Fisk, 1998). Os grupos são geralmente relativamente homogéneos para investigar tópicos especificados pelos entrevistadores. São especialmente úteis para a pesquisa de variáveis culturais e sociais, permitindo o acesso directo à linguagem e conceitos que os participantes utilizam para estruturar as suas experiências e para pensar e falar sobre determinado assunto. Permite-nos, assim, compreender melhor o modo como um grupo interage, organiza o seu mundo social e, em simultâneo, as diferentes experiências pessoais de cada um dos seus elementos. Este tipo de metodologia ajuda os investigadores a formular questões mais pertinentes e a desenvolver melhores métodos de medição (Hughes e DuMont, 1993).

Segundo Krueger (1994, cit. por Rogers, Meyer, Walker e Fisk, 1998), esta metodologia pode também ser utilizada por si só, independente de outras. É muito útil quando as percepções, explicações e insights são mais importantes do que os números. As vantagens residem na possibilidade que oferece aos participantes de interagir e fundamentar ideias através do contacto com os outros (Morgan, 1988, cit. por Rogers, Meyer, Walker e Fisk, 1998). É, portanto, um processo dinâmico que permite recolher dados que não estariam acessíveis de outra forma. Os participantes discutem os tópicos mais importantes para si, deixando uma clara ideia daquilo que é relevante. Têm também oportunidade de contextualizar os seus comentários e o moderador poderá pôr questões improvisadas de modo a recolher mais informações acerca dos tópicos discutidos (Rogers, Meyer, Walker e Fisk, 1998).

O “focus group” é geralmente conduzido numa amostra pequena e não representativa de participantes que partilham uma ou mais características de interesse para o investigador. Estas características podem ser demográficas (idade, etnia, sexo, etc), situacionais (profissão, condição física, etc.), comportamentais (toxicodependência, alcoolismo, etc.), ideológicas (religião, ideologia política, etc) ou uma combinação destas. A amostra é escolhida pela sua disponibilidade e conveniência mais do que pela sua representatividade, pelo que são, na maioria dos casos, pequenas e não representativas, permitindo uma descrição mais pormenorizada do fenómeno mas não a sua generalização a populações mais alargadas (O’Brien, 1993, cit. por Hughes e DuMont, 1993).

O grupo possui entre 6 a 12 elementos e o seu tamanho depende dos objectivos do estudo. Os grupos pequenos facilitam a exploração aprofundada dos assuntos e os maiores são mais adequados quando o objectivo é recolher uma alargada quantidade de experiências e perspectivas (Morgan, 1988, cit. por Hughes e DuMont, 1993).

Alguns investigadores sugerem que seja composto por pessoas que não se conhecem previamente, já que os grupos de conhecidos têm maior probabilidade de possuir as mesmas perspectivas sobre os assuntos e, portanto, diminuir a extensão da discussão (Basch, 1987; Stewart e Schamdasani, 1990, cit. por Hughes e DuMont, 1993). Mas outros defendem que a homogeneidade facilita a identificação dos elementos uns com os outros, facilitando a sua participação (Knodel, 1993; Morgan, 1988, cit. por Hughes e DuMont, 1993).

Os instrumentos podem incluir um guião de discussão que estabeleça um conjunto de assuntos, sendo utilizado para focalizar a discussão nos objectivos iniciais. Pode ser mais ou menos estruturado, consoante aquilo que se quer estudar. Os estudos exploratórios requerem geralmente guiões menos estruturados, que definam os tópicos a discutir mas não a ordem pela qual são abordados, de modo a facilitar o insight (Hughes e DuMont, 1993).

O moderador é a personagem que orienta a discussão de modo a que esta cumpra os objectivos pelos quais se iniciou. Este papel requer diversas capacidades, como a de criar uma atmosfera que conduza à auto-revelação, à sensibilidade interpessoal, à diplomacia e à empatia. Deve utilizar uma linguagem adequada, que seja confortável para os participantes. É o moderador que gere a dinâmica grupal, encorajando os mais reservados a partilhar as suas perspectivas, assegurando que o mais participativo não monopolize a discussão e dando oportunidade à expressão de opiniões contrárias à dominante. Deve permanecer, no entanto, neutro e não directivo, atento às pistas verbais e não verbais que podem fazer transparecer as suas opiniões (Hughes e DuMont, 1993).

Esta metodologia envolve um registo áudio de qualidade, que permita um posterior tratamento de dados. Deste modo devem ser garantidas as condições acústicas do local da reunião. Na análise da informação recolhida deve ser tido sempre em conta que esta resulta de um grupo e não de indivíduos isolados, reflectindo as vicissitudes da dinâmica estabelecida. Os dados são habitualmente codificados através de uma análise de conteúdo (Hughes e DuMont, 1993).

Em conclusão, o “focus group” promove a capacidade de resposta da psicologia no âmbito das questões de investigação e permite-lhe ainda gerar novas questões e abrir novos ângulos e perspectivas. O seu objectivo é chegar mais perto da perspectiva e do entendimento dos participantes. Baseia-se no pressuposto de que as pessoas reforçam as suas próprias perspectivas ao serem confrontadas com opiniões contrárias e ao serem forçadas a argumentar a sua posição (Millward, 1995). Desta forma, surgiu-nos como a metodologia indicada para os objectivos a que nos propomos, pois potencia a participação e o envolvimento de todos os participantes.

Esta preocupação metodológica torna-se ainda mais relevante se olharmos para a **intervenção social** como uma acção que, sendo externa ao próprio sistema, é intencional e pretende a mudança social de uma comunidade que perdeu a sua capacidade auto-reguladora e de gestão dos próprios problemas e soluções. Se por um lado acredita e promove um mundo melhor, por outro lado a intervenção social pode ser vista como um instrumento da industrialização e do capitalismo, utilizado para minimizar os seus efeitos nefastos sobre os mais vulneráveis. Porque quem intervém possui alguma **liberdade** e **intencionalidade**, as suas acções acarretam

responsabilidade pelas consequências na vida do “outro”, que deve ser reconhecido como ser humano válido e digno, evitando a exclusão moral e respeitando a diferença (Vidal, A.S. 1999).

Desta forma, e porque queremos ressaltar que não pretendemos falar de intervenção social sem referir as **questões éticas** associadas, assumimos as consequências decorrentes do facto de que cada programa é feito por grupos de interventores enquadrados em instituições e em culturas específicas diferentes das culturas alvo da intervenção. Ainda, embora os processos sejam de natureza social, os critérios (valores, princípios e considerações) são morais na sua génese, afectando e sendo modificados por quem os elabora. O mero consenso do grupo não torna uma acção imoral em moral, sendo necessários padrões éticos de acção e intervenção que resultem de uma reflexão mais sistematizada: os chamados “valores universais” devem prevalecer sobre aqueles resultantes de crenças e práticas culturais e sociais, estabelecendo linhas condutoras da acção dos profissionais. Na realidade, a moralidade de qualquer acção social deve ser julgada pelo agente e pelos alvos da intervenção e não se justifica apenas pela intenção benévola em que se baseou. Ainda, as consequências negativas (para os destinatários e outros significativos) dessa mesma acção supostamente benévola devem ser previstas, podendo ser em última instância mais importantes do que as positivas (Vidal, A.S. 1999).

Critérios de selecção dos participantes

Não podemos considerar este grupo verdadeiramente representativo da população. A sua escolha foi baseada em critérios ligados à prática comunitária (i.e. podemos dizer que foi utilizado um processo de amostragem por conveniência), tentando ver de alguma forma representadas as diferentes perspectivas da comunidade, que ilustrassem os diferentes ciclos da vida familiar e as diferentes realidades presentes na Alta de Lisboa.

Desta forma, podemos resumir os critérios de selecção dos participantes da seguinte forma:

- Jovens, adultos e idosos;
- Empregados, desempregados e reformados;
- Diferentes origens étnicas e culturais;
- Diferentes habilitações;
- Diferentes moradas e origens socioeconómicas;
- Proactividade e demonstração de interesse em desenvolver projectos com vista à melhoria da qualidade de vida na Alta de Lisboa e Charneca;
- Conhecimento da realidade local.

A título de exemplo, foi muito relevante a participação de moradores da zona da Quinta do Reguengo, cuja realidade é muito específica, quer pelo seu isolamento em relação às restantes zonas, quer pela dificuldade de acesso a serviços e bens. Ainda, a presença de moradores de venda livre funcionou simultaneamente como sensibilização destes para as dificuldades encontradas pelos moradores PER ao longo da sua vida, bem como catalisador de iniciativas conjuntas para melhoria da qualidade de vida local.

5. Tratamento dos Dados

As sessões de “focus-group” foram filmadas e transcritas integralmente, sendo os dados obtidos alvo de uma análise de conteúdo, da qual emergiram as seguintes categorias:

Tabela 4 – Categorias Pré-Estabelecidas

| Crianças | Adultos |
|---|--|
| Discussões e violência familiares | Falta de higiene das habitações |
| Conflitos e diminuição das relações de vizinhança | Negligência das crianças (vestuário, alimentação e vestuário) |
| Realização de actividades familiares | Injustiça na atribuição de ajudas e casas |
| Dificuldades financeiras | Dificuldades financeiras nas famílias |
| Falta de supervisão das crianças | Desemprego |
| Pobreza e exclusão social | Falta de condições das habitações/ vandalismo (prédios, zonas de lazer e casas) |
| Cuidar dos animais | Dificuldades de relação com os serviços/ polícia |
| | Conflitos e diminuição das relações de vizinhança |

6. Resultados

Dada a complexidade dos temas abordados, e uma vez que se pretendia atingir um maior grau de profundidade dos mesmos, a análise dos conteúdos não será compartimentada em categorias nem alvo de análise estatística, como os dados do pré-diagnóstico. Optou-se por realizar um resumo dos problemas abordados, das causas e consequências apontadas para esses problemas e possíveis soluções/iniciativas que poderão minimizá-los.

Embora existisse um guião (em anexo), ele foi utilizado apenas como guia/fio condutor da discussão, tendo perdido a sua pertinência ao longo do debate. A maioria das questões não foi abordada no grupo dos adultos dado o grau de participação activa de todos os convidados, que pediram que fossem encontrados mais momentos para continuar a discussão.

6.1. Grupo de Crianças

Relativamente ao grupo das crianças constatou-se que estas identificaram 7 principais problemas/ necessidades nas famílias, nomeadamente discussões e violência familiares, os conflitos nas relações de vizinhança, as dificuldades financeiras, a falta de apoio na supervisão de crianças, a pobreza e exclusão social, a realização de actividades familiares, e o cuidar/tratar dos animais, que se pode resumir no seguinte quadro:

Tabela 5 – Análise de conteúdo dos Focus-Groups - Crianças

| Necessidades/ Problemas identificados | Causas | Consequências | Soluções |
|--|--|--|---|
| 1. Discussões e violência familiares | <ul style="list-style-type: none"> • Emprego • Dificuldades financeiras • Mau comportamento das crianças • Desagrado com a vida • Mentiras • Erros | <ul style="list-style-type: none"> • Agressões verbais • Agressões físicas • Rupturas familiares • Suicídio | <ul style="list-style-type: none"> • Comunicação (falar, escrever cartas aos pais); • Melhoria do comportamento das crianças; • Criação de emprego; • Apoio técnico (psicólogos, professores que falem com os pais)/ criação de uma instituição de apoio; • Criação de laços afectivos/ amizade; • Convívio entre famílias; • Intervenção da polícia; • Partilha de bens materiais; |
| 2. Conflitos e diminuição das relações de vizinhança | Conflitos | Discussões | <ul style="list-style-type: none"> • Convívio entre famílias; |
| 3. Realização de actividades familiares | <ul style="list-style-type: none"> • Filiação entre familiares • Disponibilidade financeira | <ul style="list-style-type: none"> • Brincadeira • Diversão • Convívio • Convívio | <ul style="list-style-type: none"> • Solicitar dinheiro à família alargada; • Gestão equilibrada do orçamento familiar; |
| 4. Dificuldades financeiras | | <ul style="list-style-type: none"> • Ausência de dinheiro para bens e serviços elementares (renda, electricidade) • Prestações (carro) • Roubos | <ul style="list-style-type: none"> • Pedir comida no café; |
| 5. Falta de supervisão das crianças | Falta de equipamentos sociais | | <ul style="list-style-type: none"> • Equipamentos sociais; • Apoio de familiares; |
| 6. Pobreza e exclusão social | | | <ul style="list-style-type: none"> • Magia; • Solidariedade (dar comida, roupas, esmolas); |
| 7. Falta de cuidados com animais | Falta de alimentos (pombos, cães) Animais vadios/sem dono Proibição da polícia (pombos) | <ul style="list-style-type: none"> • Afecta as relações familiares (animais são vistos como parte da família/investidos afectivamente e com conotação positiva) | Maior atenção aos animais; |

Discussões e violência familiares

A maioria das crianças nos grupos de discussão referiu a existência de conflitos no seio familiar, tanto ao nível de discussões como de agressões físicas entre os diferentes membros familiares. As principais causas apontadas pelas crianças como geradoras destes conflitos foram as situações relacionadas com o trabalho dos pais, as dificuldades económicas face aos encargos financeiros, o mau comportamento das crianças, o desagrado generalizado pela vida, e a existência de mentiras e/ou erros cometidos pelos membros familiares.

Como consequências, estas referiram a existência de agressões tanto verbais (insultos) como físicas (bater), assim como situações de ruptura familiar (divórcio, zangas, etc.) ou suicídios.

Quando questionadas sobre ideias e soluções que podiam existir para que as famílias deixassem de discutir, as crianças referiram a importância do estabelecimento de comunicação no interior da família (diálogo, escrita), assim como uma partilha de experiências entre várias famílias (grupos de auto-ajuda). As crianças referiram ainda que para a resolução desta questão as famílias poderiam precisar de apoio técnico de um especialista ou instituição (psicólogo e intervenção policial). Admitiram ainda que o bom comportamento das crianças poderia contribuir para a diminuição da existência destes conflitos, assim como a criação/fomento de laços afectivos e de amizade entre familiares e amigos, criação de emprego e partilha de alguns bens materiais.

“Não, porque às vezes não têm dinheiro e têm muitas coisas para comprar ...” C1

“A minha mãe e o meu padrasto estão sempre a discutir por causa de mim. Quando eu faço porcarias. E eu quando vou lá, fico a vê-los e não digo nada. Porque se digo alguma coisa começam a chorar e a fazer queixinhas. Depois vem o meu padrasto e começa a resmungar connosco. Eu digo, não fui eu! A minha mãe disse que não fui eu. Como a minha mãe disse que não fui eu começou logo a dizer que não fui eu. Hoje eles discutem, a minha mãe fica aflita, depois está tudo bem!” C2

“Estão a ver os chinelos? Uma palmatória, que é uma coisa assim com buracos? (...) Quando me porto mal tenho que levar 10 daqueles. Se tiver 11 anos levo 11...” C12

“Têm que falar e conversar.” C8

“Portar-se bem.” C9

“Podíamos fazer uma instituição... e juntávamos as famílias e tipo um professor que dizia para eles se darem bem ou coisa assim!” C6

“Podíamos pensar numa coisa com as famílias, e depois conversarmos sobre isso. Conversar sobre a vida. (...) Podemos organizar assim uma coisa e juntar famílias e assim umas famílias ajudavam as outras.” C12

“Dizer “estejam quietos ou chamamos a bófia!” C13

Conflitos e diminuição das relações de vizinhança

Os conflitos com os vizinhos foram também apontados pelas crianças como um dos problemas das famílias, originando discussões e levantando dificuldades à coesão social.

“A minha mãe detesta confusões. Ela, acho que foi ontem, não sei o quê, a velha, tão fofoqueira, tão fofoqueira lá em baixo, que mora no segundo andar, ela estava sempre a falar de nós. Um dia, eu estava na varanda, caiu água em baixo, não caiu em cima de ninguém. A velha saiu de lá de casa e foi dizer à mulher do 1º andar que tinha caído água. A minha mãe, como não gosta de confusões começou a ralar com ela.” C2

Poucas actividades familiares

A realização de actividades familiares foi uma das necessidades identificadas pelas crianças nos diferentes grupos de discussão tendo referido que, através destes momentos, a relação e o envolvimento entre os diferentes membros da família é fortalecido, dado que geralmente constituem momentos de alegria, convívio, confraternização e bem-estar entre todos. As crianças deram vários exemplos de actividades realizadas com familiares, desde actividades mais caseiras como a realização de refeições e convívio à volta da mesa, a realização de brincadeiras com pais, tios, primos, etc., visitas a outros familiares, passeios a jardins locais, até actividades que implicam algum gasto financeiro nomeadamente idas ao cinema, ou a outros locais de entretenimento.

Assim, para que seja possível incrementar a realização de actividades entre familiares as crianças sugeriram que o dinheiro fosse gerido de forma a suprir as necessidades básicas como a alimentação, mas também para algum convívio familiar.

“Tipo, o meu tio às vezes vai com o meu primo lá a casa. ou então eu a casa dos meus primos. Eu depois brinco com eles e às vezes faço pulseiras para a minha tia.” C1
“Comem todos à mesa e depois ficamos às gargalhadas. Um diz uma piada e nós rimos.” C2
“Comer, brincar...” C6
“Só passear não. Brincar um bocadinho. Tipo Aquashow, Zoomarine...” C13
“Fomos dar um granda passeio! Fomos ao Planetário, fomos...” C12
“Apanhar peixes e borboletas.” C14
“Desta da família, vamos ao cinema ver um filme de terror! Comemos pipocas e sumo e chocolates voltamos para casa à meia noite!” C3
“[É importante que a família faça actividades conjuntas] Para nos darmos bem.” C6
“É, é muito importante porque assim ficam com amizade até morrerem!” C3
“Nós aproveitámos que havia dinheiro e estávamos todos em casa para ir dar um passeio!” C11
“Nós também podemos aproveitar o dinheiro ou para passear, ou para comprar comida.” C11
“A minha mãe é assim, quando não tem dinheiro pede ao meu padrasto. Se ele não tem pede ao meu tio.” C2

Dificuldades financeiras

As dificuldades financeiras das famílias foram outra preocupação apontada pelos grupos de discussão.

A causa apontada pelas crianças deveu-se à incapacidade de fazer face às despesas, quer por dificuldades em gerir o orçamento disponível, quer porque os rendimentos são de facto insuficientes, resultando em situações de falta de alimentos, pagamento de rendas/habitação, electricidade, água, prestação do carro, etc. Em geral, a tendência actual para o consumismo irreflectido foi referida com muita clareza por diversas crianças.

A prevalência de roubos ou pequenos delitos surgiram também como consequências destas dificuldades financeiras, nomeadamente em supermercados e transportes públicos.

As soluções identificadas pelas crianças passaram pela venda de alguns bens materiais que possam resultar em receitas financeiras, assim como algum apoio alimentar solicitado em cafés.

“Agora há crise! Só pensam em comprar BM’s...” C13

“Sim, às vezes as pessoas discutem por causa do dinheiro. Não chega para a comida, não têm microondas, não têm água...” C6

“não têm comida...” C8

“[às vezes não sobra dinheiro para a comida porque as famílias compram outros bens não essenciais] Às vezes...” C12

“Não sobra para pagar a luz, para pagar a renda...” C13

“para pagar carros...” C14

“Mas há pessoas que roubam.” C12

“uma vizinha minha uma vez contou à ... que foi ao Continente (...) Tirou um fogão e o segurança estava a ver e não fez nada. Veio-se embora sem pagar e o segurança viu e não fez nada.” C12

“Um dia quando fomos para o Metro vi um senhor sem cartão a passar por cima.” C11

“Ya, por cima da barra! Eu já vi um homem assim velho, com uma bengala, mandou a bengala para o ar e passou assim por baixo (...) Não têm dinheiro. Para comprar cartão.” C13

“Idosos. Quando eles têm fome vão pedir lá ao café.” C8

“Quando existe o dinheiro, começam a vender coisas e a vender coisas para ganhar dinheiro... E as pessoas só querem dinheiro para ser ricos!” C12

Falta de apoio na supervisão de crianças

A necessidade de supervisão de crianças foi também uma das necessidades identificadas, designadamente pela falta de equipamentos sociais para que os pais possam trabalhar.

Assim, perante esta realidade, as crianças referiram que era necessário a existência de equipamentos e/ou respostas sociais, ou o recurso ao apoio de familiares nesta tarefa.

“Sim, fica difícil porque aqui está a dizer, aqui a escola é a partir dos 6 anos e um com 4 ou com 5 não pode. Tem que ter apoio para ajudar aí, para ir para um sítio.” C2

“Apoio significa quando a minha mãe vai trabalhar e tem que meter o filho num ATL ou num sítio qualquer para poder ir para o trabalho.” C2

“Tipo quando a minha mãe vai trabalhar deixa-me com uma pessoa, tipo a minha tia, vai cuidar de mim.” C1

Pobreza e exclusão social

A questão da pobreza e exclusão social foi também indicada pelas crianças como um dos problemas/ necessidades que têm de ser colmatados.

Assim, referiram como possíveis soluções a doação de alimentos, roupas e esmolas aos mais necessitados, a criação de equipamentos sociais nomeadamente lares de idosos, e ainda outro tipo de ajudas como auxiliar idosos a atravessar a estrada. O recurso à magia foi também apontado pelas crianças.

“Eu vi um mendigo e dei uma esmola.” C1

“Às vezes oferecemos roupa.” C5

“Dei roupa e uns chinelos que já não me serviam.” C3

“A minha mãe e eu, eu fiz melhor! Sabem o que tem um miúdo que estava lá numa casa e é mendigo. Nós fomos para uma loja, a siportizone, comprámos meias, ténis, fato, camisola, para ele. O gajo ficou a agradecer!” C2

“Nós um dia podemos quando os velinhos não conseguem atravessar a estrada, podemos ajudar.” C11

“Se eu pudesse fazer milagres ajudava as crianças pobres.” C2

“Dizia: quero uma casa para este, para este mendigo oferecia uma casa com comida e tudo.” C2

“Deviam haver mais lares para idosos. Há muitos idosos que vivem sozinhos.” C12

Falta de cuidados aos animais

As crianças também identificaram como necessidade das famílias e da comunidade os cuidados prestados aos animais, nomeadamente em termos de alimentação, dado que os consideram como parte integrante da família e/ou da comunidade.

“Eu dou comida aos cães.” C5

“Eu dou comida aos pombos, dou comida...” C3

“Agora os polícias não deixam dar comida aos pombos.” C2

“Eu dou de comer aos cães da rua, que são dos ciganos que não lhes querem dar de comer.” C5

“A minha mãe, quando não tinha filhos, comprou um daqueles cães e era como se fosse um filho para ela.” C2

[animais também fazem parte da família?] “fazem, fazem.” C3

6.2. Grupo de Jovens/Adultos

Relativamente ao grupo dos jovens/adultos constatou-se que estas identificaram 8 principais problemas/ necessidades nas famílias, nomeadamente a falta de higiene das habitações, a negligência dos prestadores de cuidados às crianças, a injustiça na atribuição de ajudas e casas, as dificuldades financeiras nas famílias, o desemprego, a falta de condições habitacionais/ vandalismo, as dificuldades de relação com os serviços/ polícia, e os conflitos e diminuição das relações de vizinhança, tal como se pode resumir no seguinte quadro:

Tabela 6 – Análise de conteúdo dos Fogos Group - Adultos

| Problemas identificados | Causas | Consequências | Soluções |
|---|--|---|---|
| 1. Falta de higiene das habitações | <ul style="list-style-type: none"> • Negligência familiar; • Cultura familiar; | <ul style="list-style-type: none"> • Processos na CPCJ/ retirada de crianças; | <ul style="list-style-type: none"> • Intervenção com as famílias e explicação às crianças |
| 2. Negligência das crianças (alimentação e vestuário) | <ul style="list-style-type: none"> • Negligência familiar; • Cultura familiar; • Dificuldades gestão do orçamento familiar; • Pobreza. | <ul style="list-style-type: none"> • Má nutrição; • Processos na CPCJ/ retirada de crianças; • Doenças/ crianças pouco agasalhadas e falta de higiene; | <ul style="list-style-type: none"> • Intervenção com as famílias e explicação às crianças – investir na educação das crianças (pais, escola e comunidade) |
| 3. Injustiça na atribuição de ajudas e casas | <ul style="list-style-type: none"> • Fraca avaliação das condições financeiras das famílias; • Falta de honestidade de algumas famílias; | <ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de injustiça/ descrença nas instituições; | <ul style="list-style-type: none"> • Melhorar a avaliação das condições financeiras das famílias; • Denunciar os casos fraudulentos; |
| 4. Dificuldades financeiras nas famílias | <ul style="list-style-type: none"> • Desemprego; • Consumismo / dificuldades de gestão de orçamento familiar; | <ul style="list-style-type: none"> • Dívidas; | <ul style="list-style-type: none"> • Apoio das instituições; • Apoio dos vizinhos; • Criação de uma “loja comunitária” |
| 5. Desemprego | <ul style="list-style-type: none"> • Discriminação (raça/morada PER/aparência); • Pouca procura para certas profissões; • Falta de habilitações escolares; • Falta de interesse de algumas pessoas na formação/formações desadequadas; • Pouca experiência profissional; • Falta de equipamentos de infância (creches) e injustiças no acesso às mesmas; | <ul style="list-style-type: none"> • “Ciclos viciosos” de desemprego; • Licenciados a trabalhar fora da área, em call-center; • Cursos de formação que não abrem por falta de inscrições/desistências; | <ul style="list-style-type: none"> • Realização de formações em áreas relevantes; • Realização de estágios/voluntariado; • Melhorar a avaliação das condições financeiras das famílias; • Fazer um bom currículo; • “Passar a palavra” – recomendar candidatos e divulgar ofertas; |

| Problemas identificados | Causas | Consequências | Soluções |
|---|--|--|---|
| 6.Falta de condições das habitações/ vandalismo (prédios, zonas de lazer e casas) | <ul style="list-style-type: none"> • Vandalismo do espaço público; • Fraca qualidade da construção; • Moradores pouco organizados/ falta de reclamações atempadas; • Educação familiar; • Pouco sentimento de posse (em relação à habitação); • Sentimento de injustiça. | <ul style="list-style-type: none"> • Acidentes domésticos; • Infiltrações/ humidade causa doenças-degradação das habitações; | <ul style="list-style-type: none"> • Organização dos condóminos para pequenos arranjos; • Apoio em géneros das entidades responsáveis (Juntas, Gebalis, etc); • Reclamações dentro dos prazos previstos (não deixar a situação piorar) |
| 7.Dificuldades de relação com os serviços/ polícia | <ul style="list-style-type: none"> • Discriminação (moradores PER); • Violência policial; • Violência/ "partidas" por parte dos moradores; | <ul style="list-style-type: none"> • Receio da polícia ao entrar no bairro – deterioração da relação já de si frágil; | <ul style="list-style-type: none"> • Fomentar boas relações com alguns polícias (já existentes); |
| 8.Conflitos e Diminuição das Relações de vizinhança | <ul style="list-style-type: none"> • Permanência de pessoas que não habitam no bairro; • Cães; • Corridas de motas/carros; • Conflitos entre zonas do bairro; • Serviços diferenciados para os diferentes moradores; • Realojamento/ destruição dos bairros que funcionavam como aldeias | <ul style="list-style-type: none"> • Isolamento; • Falta de convívio; • Falta de participação comunitária; | <ul style="list-style-type: none"> • Oportunidades para as pessoas se conhecerem/ convívio; |

Falta de higiene habitacional

A maioria dos participantes nos grupos de discussão referem terem conhecimento de habitações cujos moradores apresentam dificuldades na sua manutenção diária, quer em termos de higiene, quer na preservação das mesmas (pequenas reparações, cuidados com a utilização dos equipamentos e arrumação). É referido ainda que a falta de manutenção das condições de habitação está muitas vezes relacionada com a própria educação que alguns moradores receberam das suas famílias, realçando a importância do exemplo dos adultos no futuro comportamento cívico das crianças. Foi igualmente discutido o apoio dos vizinhos neste tipo de situação, nomeadamente no “bairro antigo” em que as redes de solidariedade eram percebidas como mais sólidas e funcionais. Nesta altura, muitas moradoras ensinavam as vizinhas a cuidar da sua casa e por vezes organizavam-se para limpar as casas umas das outras.

Por fim, esta questão encontra-se intimamente ligada com a atribuição de ajudas, tendo alguns participantes referido que os moradores cujas casas se encontram em piores condições, mesmo que por responsabilidade dos próprios, recebiam mais ajudas financeiras e em géneros por parte dos organismos sociais e desta forma a situação acaba por ser reforçada.

Como consequências, foram realçadas as retiradas de crianças às famílias, decorrentes de processos judiciais por maus tratos e negligência, sendo que a família revelava dificuldades em cumprir a função educativa esperada.

As soluções passariam, na opinião dos moradores, pelo trabalho directo com as famílias, eventualmente pela reabilitação das antigas redes de solidariedade e ajuda, e a educação das crianças para a higiene e preservação do património como forma preventiva.

“Eu... também há pessoas menina, que às vezes têm as casas e nem as merecem. Não as têm limpas e nem as sabem arrumar às vezes. E deixam os filhos andarem à vontade... e às vezes também é isso.” A6

“As casas de certas pessoas são pequenas, mas há casas num estado... as pessoas é que fazem o estado delas. Há aqui certas casas, eu ponho as mãos à cabeça. Há aqui casas onde eu moro, têm hortas nas banheiras! Vamos fazer o quê? As pessoas metem-se “a casa é pequena não dá para isto nem para aquilo”, há filhos que vêm para a rua e não têm condições de virem para a rua, e eu digo-lhes “quem faz isto são vocês.” A1

“Se a vida não tem condições, se vocês não têm condições para terem filhos, porquê que não de ter filhos? Agora estão-se a queixar” Sei que há aqui duas ou três meninas que ficaram sem os filhos. Foram tirados, as assistentes sociais vão lá e vêm a casa nojenta... Há casas que nós não conseguimos entrar. Chega ali ao patamar e temos que meter uma molinha no nariz.” A1

“Casos de retirada de menores. A assistente social avisou (6 meses). Falta de higiene na casa, etc.” A?

“Depois de retirarem as crianças as pessoas começam a organizar-se.” A?

“Processos de retirada de menores muito mal feitos. Trauma para as crianças, vêm buscar de forma brusca. Deve ser melhor explicado às crianças as razões de serem retiradas, eles nem sempre explicam.” A?

Negligência das crianças

Outra das questões referidas como preocupante é a negligência das crianças, nomeadamente no que diz respeito à alimentação, higiene, vestuário. Esta questão é vista como estando relacionada com alguma cultura familiar que transmite padrões educativos de geração em geração. Os pais agem com os seus filhos como agiram consigo quando eram crianças, acreditando muitas vezes que estão a fazer o seu melhor. Uma hipótese colocada para a perpetuação desta situação seria o papel de usufrutuários dos serviços existentes a que muitas vezes a família se acomoda. O apoio dos serviços, tendo por preocupação o bem-estar imediato da criança, corre assim o risco de generalizar a ideia de que “tudo acaba por correr bem” e reforçar a acomodação existente. As crianças não comem em casa, mas têm refeições na escola (foi referido pelos moradores e instituições que muitas crianças apenas usufruem de refeições nas escolas e equipamentos), não têm roupa apropriada para a época, mas é-lhe dada nos serviços sociais, surgem com piolhos e na escola é feito o tratamento, etc.

Mais uma vez, as crianças surgem com sinais claros de negligência na comunidade, os serviços encontram-se na obrigação de sinalizar a situação e a família é confrontada com a retirada da criança, não dominando as alternativas para a manter no seu seio nem muitas vezes tendo os recursos internos e externos necessários para assumir determinadas responsabilidades.

As soluções estão longe de serem claras, obrigando à reflexão conjunta dos serviços e da comunidade, passando pelo trabalho articulado e de base local, assente nas redes de solidariedade e entreadjada de vizinhança e centradas na família.

“Tenho muitas crianças que às vezes só comem lá na escola.” A2

“Questões de higiene e quando as pessoas são despejadas. Às vezes vejo crianças, que... os próprios pais das crianças deixam os filhos ir para a rua assim neste estado. Eu vejo aqui miúdos aqui no bairro.” A1

“Vem da educação dos pais. Os pais não têm aquela educação de higiene como deve ser e depois transmitem isso aos miúdos. Os miúdos depois fazem a mesma coisa.” A3

Injustiça na atribuição de ajudas e habitações

Outro dos temas que foram abordados em ambos os grupos refere-se aos critérios para atribuição de ajudas às famílias que levam a injustiças, fruto de algumas dificuldades por parte dos serviços em fiscalizar devidamente as situações fraudulentas (por falta de recursos das próprias instituições) e de existir pouca honestidade da parte de algumas famílias. Foi referido que existem sinais evidentes de riqueza nalgumas famílias (ex: carros; realização de obras de melhoramento da habitação, etc) beneficiárias do RSI e de ajudas em géneros por parte de diversas entidades. Ainda, foi referido que esta situação perpetua o ciclo vicioso económico da família, fazendo com que os beneficiários se sintam menos compelidos a procurar trabalho e consequentemente a melhorar a sua situação financeira.

Ainda, foi realçado que algumas famílias, apercebendo-se da situação vantajosa que detêm, mantêm a casa em más condições de higiene e manutenção como forma de perpetuar as ajudas. Este tipo de situação é visto como grave por impedir as famílias que realmente necessitam e que muitas vezes têm vergonha de pedir ajuda de obter apoio para as suas necessidades básicas.

Como solução foram apontadas as seguintes sugestões: maior fiscalização da situação económica das famílias e realização de denúncias, por parte dos vizinhos, das situações fraudulentas.

“Há injustiças, eu acredito que deveria haver, portanto, as assistentes sociais. Devia de haver assistentes sociais que... mais honestidade, melhor informação. Melhor informação de quem, de coiso... sobre a família. Porque eu fiz parte da Junta da Charneca e havia atestados de facto que eram necessários e eu ia lá ao sítio informar-me, antes de ir contactar a pessoa eu ia informarme. É claro que há atestados que requeriam mesmo informação e a gente tirava umas certas informações e depois íamos conversar com elas. E depois víamos que aquele atestado que se calhar ela ia conseguir através..., que ia mentir. E é isso que está mal. Acho que as pessoas deviam investigar melhor junto das pessoas. Não quer dizer que... também há muita gente que a gente julga que coitadinhos que estão a viver mal, e que se calhar estão a viver ainda melhor que a gente. Pela mentira. Sem necessidade nenhuma.” A8

“Tem que ter atenção e fazer queixa de quem não precisa.” A6

Dificuldades financeiras

O panorama financeiro da maioria das famílias é visto como débil, sendo de realçar as situações de extrema pobreza encapotada das pessoas que sentem vergonha da sua situação e não recorrem a ajuda dos organismos públicos e privados e por vezes até recusam apoio dos vizinhos e amigos.

Estas dificuldades são muitas vezes associadas a um desmedido consumismo, que leva as famílias a adquirir serviços e produtos para além das suas possibilidades (ex: TV cabo, telemóveis topo de gama, etc.) como forma de parecer mais abonada do que é. As necessidades supérfluas permitem à família sentir que faz mais do que apenas sobreviver e que alcança uma aparente qualidade de vida antes destinada apenas às famílias de outros estratos socioeconómicos. Se nalguns casos é dificuldade na gestão de um parco orçamento doméstico que está em causa, outras vezes o desemprego inesperado é apontado como razão para a dificuldade financeira da família, que vivia de acordo com um diferente orçamento.

Como soluções apenas se vislumbrou o reforço das antigas redes sociais de solidariedade que aproximavam os vizinhos. Neste sentido, a criação de uma loja comunitária, de troca de bens foi vista como uma possibilidade para colmatar esta necessidade.

“As pessoas não estão bem com o que têm, nunca estão bem (...) Sim, sim. Porque quem se casou como eu casei e vim para cá viver num quarto, e estive lá até ao meu filho quase nascer, e depois fui para uma casinha que tinha a cama lá em cima no tecto e que a casa de banho era de todos, agora as pessoas nunca estão contentes. Querem sempre mais e mais. Eu quando me casei, estive muitos anos sem telefonia, estive muitos anos sem ter televisão, e agora as pessoas quando se casam querem levar logo tudo. Não se importam se os pais ficam cheios de dívidas se não ficam. Nós naquela altura tínhamos aquilo que as pessoas nos podiam dar coitaditos, e ainda ficavam envergonhados de alguma coisa. Mas nós não podíamos exigir muito porque eles também não tinham. E agora as pessoas não fazem, querem tudo e mais alguma coisa.” A6

“...Se tu tens um problema primeiro vais ao teu vizinho, só se ele não te puder ajudar é que vais para outros lados...”. A?

“Roupa, contentores. Podia-se fazer troca de roupa em troca de voluntariado. Por exemplo, ir buscar a roupa às casas. As formações não funcionam.” A?

O desemprego, à semelhança do restante país e do Mundo, afecta a Alta de Lisboa com alguma visibilidade em todos os estratos socioeconómicos (ver acima, dados dos diagnósticos). A agravar esta conjuntura nacional, temos um elevado número de pessoas com baixas qualificações e com competências não valorizadas actualmente pelo mercado de trabalho. Ainda, persistem situações de discriminação associadas ao estigma do bairro social ou à origem étnica e cultural, que diminuem as hipóteses de obtenção de empregos qualificados para muitos moradores. A situação agrava-se quando não existem equipamentos de infância de preço acessível em número suficiente para toda a população infantil, que impede a família, nomeadamente a mulher (muitas vezes mãe precocemente), de obter um emprego ou voltar a estudar e assim melhorar a sua condição financeira. Por fim, as formações oferecidas pelo mercado nem sempre se ajustam ao mercado de trabalho, nem aos reais interesses dos eventuais alunos, embora a formação em geral seja vista pelos inquiridos como uma mais-valia na obtenção de emprego, quer devido aos estágios que proporciona, quer porque revela aos futuros empregadores que o candidato “não esteve parado”.

Como sugestões para ultrapassar as questões da discriminação, apontou-se a possibilidade de recorrer às entidades empregadoras e oferecer-se como voluntário ou estagiário dentro das suas competências como forma de mostrar o seu valor e assim aumentar as possibilidades de vir a ser contratado. A criação de respostas de formação mais diversificadas e adaptadas ao mercado e aos interesses dos alunos poderá ser uma forma de combater o absentismo aos cursos. Ainda, a criação do próprio emprego foi vista como uma saída difícil, pelo tempo e energia que despende de alguém que tem urgência em encontrar um emprego.

Ter um bom currículo e divulgar junto dos seus contactos pessoais que se está à procura de emprego é referida como a forma mais frequente de encontrar um bom trabalho. Seria importante ainda avaliar de forma mais exigente a condição financeira das famílias de forma a perceber quem de facto precisa de equipamentos de infância para ir trabalhar.

“Porque é assim, é da Alta do Lumiar “deixe aí o seu currículo”, é a mesma coisa que nós viramos as costas e papeis para o caixote. Mas não falo só por mim, vejo casos da cor deles [aponta para os participantes negros], e veio de lá uma rapariga, uma brasileira que explicou que há sítios... brasileiros, negros, ou mesmo nós que nos dizem onde é que moramos, não somos aceites. Eles fazem muita discriminação. Alguns. O único onde não deve haver discriminação deve ser nas obras. Porque obra é para o preto. Eu conheço uma rapariguinha que concorreu a vários sítios, uma rapariguinha de cor... “se é de cor é só para a copa”, é para lavar a loiça. Isso também não é... Muitas fazem isso às pessoas... se for um rapaz de cor... o que é que se diz é “obra para o preto”... mas é para o preto e para o branco tem que ir lá tudo para o mesmo sítio. Onde é que não há discriminação é só na obra.” A1

“Nem na limpeza, na limpeza também dá. Agora, para o balcão depende da cara, depende da aparência, depende do currículo, da maneira que fala porque se falar assim mais ou menos não pode. Mesmo não querendo há muita discriminação.” A2

“Encaminhavam, e depois chegámos a um ponto mandaram-nos para aqueles cursos do Estado... Tínhamos escola de manhã mesmo aqui na escola 34, e depois íamos para os Olivais fazer um curso... tinham vários cursos, a mim meteram-me a fazer cestos, o que é isto?” A1

“[criação auto-emprego] Tempo, uma pessoa sempre dá um jeitinho... mas para criar um negócio ou uma associação é preciso mais tempo. Eu falo por mim, se tiver filhos então pronto... se tiver alguém que tome conta ainda... agora quem não tem é complicado. Fazer actividades

com crianças é para esquecer, isso é complicado e depois também as pessoas também não aderem tanto porque têm muito aquela coisa “eu vou fazer isso... vou ficar lá muito tempo e depois não vai acontecer nada... e eu faço e depois os outros não querem fazer, eu já não faço”.” A2

“Creches nas mulheres a maioria é creches, porque temos tantas creches aqui, mas temos tantas crianças que não têm creche. [500 em lista de espera] Isso são aquelas que se inscrevem, fora as outras. (...)” A2

“É, é. Porque quando tivemos a formação no dia 22, e demos três opções de trabalho que nós queríamos, e eles agora vão tentar arranjar nessas três opções uma para pôr no estágio, é que nós depois de estarmos nesse estágio ou onde nós formos trabalhar nesse pouco tempo, os patrões podem gostar dessa pessoa (como eu já vi colegas meus no ano passado a fazer isso) e ficaram lá. As pessoas gostam... porque pronto começam a gostar daquele trabalho, das pessoas. Nós já vimos com esse certificado, eles dão o certificado à gente... vais a esta entidade, vais aquela, mas levas este certificado já é mais uma ajuda.” A1

“Em qualquer lado que vais e digas que “queria fazer voluntariado” eles vão aceitar, se fores à procura de emprego ainda... Não é qualquer pessoa que se levanta todos os dias para ir fazer voluntariado sem receber nada.” A2

“Quando a gente vai à procura de emprego a gente não esteve parado, a gente teve sempre uma actividade em funcionamento, e mostrando o que a gente fez naquele curso durante aquele x tempo, não estivemos parados, estivemos em actividade, então mostra que... mostra isso.” A3

Falta de condições das habitações/vandalismo

A qualidade de construção das habitações é referida diversas vezes ao longo dos grupos, bem como o vandalismo e a falta de cuidado com as casas por parte de alguns moradores e famílias. Esta situação é associada por um lado às lacunas na educação de algumas famílias, bem como à falta de sentimento de pertença das pessoas em relação às suas casas. Se por um lado há quem não estime porque não lhe pertence, há quem sempre tenha “sido assim”, mesmo no bairro antigo quando as casas eram da construção dos próprios moradores. Ainda, muitos moradores referiram que, em relação aos defeitos da construção, as reclamações podem ser apresentadas às entidades responsáveis, dentro dos prazos previstos, e que esta procede às reparações, mesmo das que são fruto de negligência por parte dos moradores.

No entanto, muitas vezes as reparações são feitas e no mesmo dia voltam a ser alvo de vandalismo, quer por moradores, quer por pessoas que não vivem no bairro. O vandalismo está presente também nas zonas de lazer públicas, à noite, sendo levado a cabo muitas vezes, na opinião dos moradores inquiridos, por pessoas que não habitam na zona.

Esta situação de degradação do edificado, que por vezes pode levar a doenças e infecções respiratórias, pode ser minimizada se os moradores se organizarem para realizar pequenos arranjos nos prédios e zonas comuns, para o que as entidades responsáveis doam materiais e outros apoios quando solicitados. Ainda, foi sugerido que os moradores levassem a cabo reclamações quando devidas e nos prazos previstos, para evitar a degradação dos edifícios e habitações.

“Eu precisava de sair da minha casa. Precisava de mudar de casa. Não estou muito contente com a casa e já estou lá vai para 22 anos (...) às vezes a gente abre uma porta e ela fica presa e de vez em quando dá de si. Já caíram uns pedregulhos das varandas. Foi lá o pessoal da Gebalis fazer obras, não fizeram nada. Ainda deixam tudo pior. Quando chove, a gente quer descansar e as biqueiras fazem barulho...” A4

“Eu estou com uma infiltração num cano há 8 anos, eu estou lá há quase quê? Há 9 anos, há 8 anos... e eles já foram lá arranjar e não arranjaram nada, aquilo está igual.” A2

“os próprios moradores! Vamos ver os prédios e os mais bem estimados são este dois aqui (no início BCV) e aqueles ali para o lado da esquadra. Do outro lado é só malucos, o que vamos fazer? As pessoas que moram lá, vão para a Gebalis, mandam cá uma empresa mudar, eles mudam uma peça no elevador, passado uma hora já está o elevador avariado outra vez.” A1

“Eu já estou aqui há 9 anos, porque é que nós nas obras vimos... quando é trabalhos na Câmara é vai sempre a andar... é dia e noite, temos lá assim inspecções, não há nada. Nesses (...) eu ouvi um senhor a falar que ligava a luz da casa de banho e sabe qual é a luz que acendia? Era a da cozinha. Ele carregava no interruptor da casa de banho e acendia a luz da cozinha, mesmo. (...) Às vezes nós olhávamos para as pessoas e as pessoas não estavam em condições de trabalhar. Como é que eu acendo a luz da minha casa de banho, como o homem explicava no filme, e acende a luz da cozinha, como é que se pode fazer isso.” A1

“Nós fizemos... nós quisemos pintar todo o prédio, trinchas... fizemos o pedido à Gebalis, a Gebalis... passado 15 dias ou um mês... Eles viram que nós estávamos a fazer esse trabalho, e havia uma senhora que estava à frente disso e quando é que vamos começar a fazer isso? O mais depressa que... quanto mais cedo derem o material... os moradores estiveram ali e passado 15 dias eles vão começar... começamos a trabalhar num fim-de-semana e pintámos o prédio todo por dentro e os senhores assim todos coiso a ver se era verdade, se nós estávamos a pintar a parede.” A1

Dificuldades de relação com os serviços/polícia

A relação com os serviços, nomeadamente com a polícia, foi amplamente referida como sendo difícil e muitas vezes violenta, quer porque os moradores sentem alguma discriminação por parte das forças policiais, quer porque sentem que, por viverem num local onde existem de facto alguma criminalidade, acabam por ser prejudicados na sua imagem.

Esta relação é muitas vezes caracterizada por relatos de violência em ambos os sentidos (polícia-comunidade e comunidade-polícia), levando a que a própria polícia se sinta receosa quando é chamada a intervir na zona e a solução é vista apenas pelo estabelecimento de relações de confiança com alguns agentes, cuja atitude será mais compreensiva.

Esta relação é referida como sendo baseada no conhecimento entre comunidade e agentes ao longo do tempo, sendo claramente prejudicada quando estes são substituídos.

“Encostar há parede, pedem documentação... às vezes nem isso, começam logo a bater. A descarregar. Normalmente quando acontece alguma coisa lá na zona, ou aconteceu alguma coisa na escola ou quando acontecia alguma coisa fora da escola... Não, (não estão à procura de alguém) isso acontece mais quando chamam a polícia, chamam a polícia... e só porque é aquela zona, a zona da Quinta Grande, eles mandam logo vir. Se fosse noutra zona se calhar iam lá 2/3 polícias resolver o problema, mas como aqui é a zona de... eles sabem que tem muitos jovens na rua eles já sabem que vão encontrar esses jovens, eles mandam logo vir para tentar evacuar o sítio. E para evacuar o sítio eles dão porrada.” A3

“Atacam logo. “Onde é que morava antigamente?” Eu morava numa das piores zonas de Lisboa. Nós íamos à esquadra fazer uma queixa, acontece isto, ah está bem já vamos... primeiro chegam os senhores da esquadra de Benfica e é sempre assim, quando é a esquadra de Benfica

ninguém olha a ninguém. Nós não sabemos nada... eles chegam ao pé da gente e começam-nos a dar porrada. Que é... a esquadra de Benfica ai é a Musgueira sim senhor, moras na Musgueira... temos o azar, temos o azar de parar na esquadra de Benfica é a pior coisa que podemos fazer. Quando eles começam-nos a dar porrada e começam-nos a... eu graças a Deus nunca tive razão para lá ir parar... mas colegas meus diziam, eles apagam a luz, eles batem de qualquer maneira. Há colegas meus que é assim, conforme eles apagam a luz, a gente mete-se no chão quietinho, é que eles não batem com as mãos... é com a lista telefónica, panos encharcados... não marca. No que toca à Musgueira, muito grande, Galinheiras e companhia...”
A1

“Amizade. Eu tenho um caso que é... apetece-me ir para a rua, e apetece-me um café, onde é que eu vou? Vou à esquadra. Vou à porta da esquadra pedir seja o que for. “O que é que quer?” “ah, senhor guarda era para saber se me deixa beber um café” “a máquina está lá ao fundo da sala”... e temos de passar a esquadra, eles deixam... tantas vezes que nós fizemos isso. Mas há outros que quando estão lá de serviço ainda levam porrada.(...) É assim há uns que deixam na boa fé, e há outros... quando é os de 20...” A1

Conflitos e diminuição de relações de vizinhança

Por um lado, é referida a falta de vontade de muitos em participar activamente na comunidade, quer em eventos festivos, quer em actividades em prol das suas necessidades. Por outro, são realçadas a insegurança e a permanência de grupos de não moradores (associados ao tráfico de droga) como responsáveis pela deterioração das relações de vizinhança em relação aos “bairros antigos”, muitas vezes vistos pela lente amplificadora da nostalgia.

A falta de civismo de alguns (barulho dos cães, corridas de carros e motas, etc) é entendida como responsável por muitas das dificuldades de relacionamento existentes, bem como os sentimentos de injustiça falados acima no acesso aos apoios em serviços e bens. As antigas rivalidades herdadas dão lugar a amargos discursos sobre os direitos e deveres de todos os cidadãos da Alta de Lisboa, em que aos outros se acrescentam “os ricos do lado de lá” e os imigrantes brasileiros e da Europa de Leste (nomeadamente na zona do Reguengo). O isolamento, esse problema tão urbano, decorrente do realojamento, de pessoas habituadas à vida “de campo” dos bairros antigos, é percebida como negativa, quase não compensado a melhoria de condições habitacionais.

As soluções avistadas são apenas a promoção do convívio e do conhecimento entre os diferentes moradores como formas de quebrar as barreiras existentes e caminhar para uma maior participação de todos no bem-estar da comunidade.

Citações dos participantes acerca deste aspecto:

“Não, mas temos muita gente que fica fechada em casa. Porque quando era no bairro, eu pelo menos sinto isso, quando era bairro havia mais convivência com os vizinhos. E os filhos diziam “olhe vizinha dê-me um olho pelas crianças”, e até ficava com ela, agora não. Eu ia deixar a minha filha com...” A2

“[vizinhos da venda livre] É assim, conhecem-se de elevador “bom dia, boa tarde” e mais nada. E nota-se muito aqui, que assim que o sol se põe não há ninguém na rua. É assim na Rua Helena Vaz da Silva... Porque é assim, também no geralmente quando se ouve alguma coisa na rua é um bando a passar aos gritos, a partir as coisas... a partir de uma certa hora passam as corridas de carros. Muito receio. Durante o dia a rua ganha vida, mas mesmo assim não há aquela vida de bairro. Não há convívio. Mesmo dentro do próprio prédio as próprias pessoas que se cruzam

umas com as outras não...” A5

“Cães por exemplo (...) Cães que toda a noite ladram, está bem está... onde eu moro pelo menos.” A2

“Mas temos de ver uma coisa, no caso da Quinta Grande... havia aquela rivalidade, Musgueira e Cruz Vermelha, deixa-os andar ao princípio que vínhamos para aqui...” A1

“É pouquito. Nós vimos os cafés aqui destes bairros sociais mas nós vemos um café cá assim atrás está cheio. Porque é a única maneira de aquele pessoal de conseguir beber... ao fim da noite “onde é que vamos? Vamos ao jota”. Algumas. Porque nós antigamente na Musgueira eu morava... eu dormia na rua. Tínhamos porta aberta o dia todo...” A1

“Pessoas que vivem na venda livre não convivem no bairro. Há dificuldades de relacionamento. “Falta de confiança (diálogo), toda a gente tem medo do próximo.” A?

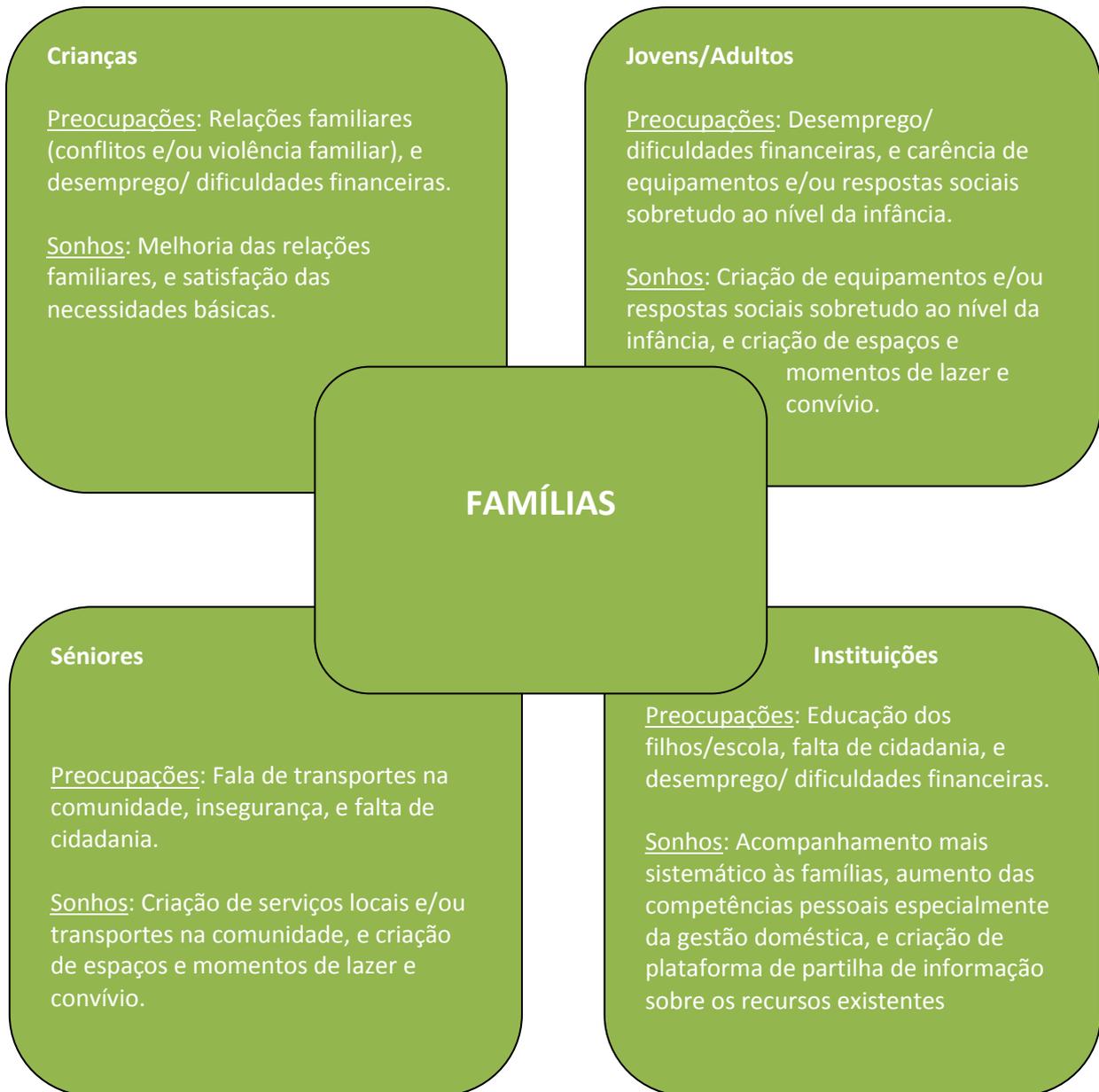
“Pessoas que vivem na venda livre não convivem no bairro. Há dificuldades de relacionamento. Falta de confiança (diálogo), toda a gente tem medo do próximo”. A?

“Eu acho que o principio é as pessoas conhecerem-se umas às outras e principalmente... uma coisa que não tinha acontecido da outra vez que eu vim cá (K'CIDADE), da primeira vez, eu já cá estou há 3... quase 4 anos e foi a primeira vez que eu passei para o lado de cá. E não sabia que havia aqui um fotógrafo que dá imenso jeito, não sabia que havia aqui mais uma farmácia...”

A5

“Há necessidade de integração de pessoas de venda com pessoas do bairro: voluntariado do ISU, Cineconchas.” A?

IV. Conclusão



Podemos assim concluir que as preocupações encontram eco entre parceiros e moradores de diferentes faixas etárias. As relações, no seio da família e da comunidade, o civismo, o convívio e a entreatada, as infra-estruturas, serviços e recursos locais (equipamentos, transportes, saúde, educação) e as dificuldades financeiras encontram-se no topo da atenção de todos. Associados a estes, encontramos diversos sonhos: uma comunidade coesa e solidária “como antigamente”, uma rede de equipamentos e serviços adaptada às necessidades locais, empregos e qualificação para todos, dinheiro suficiente para as despesas do mês, sorrisos nos lábios das pessoas quando dizem “sou da Alta de Lisboa”. As sugestões são diversas e sujeitas a diferentes interpretações. Abaixo, uma tentativa de resumo do que foi dito e das respostas entretanto criadas para cada problemática, embora sejam apenas respostas parciais, são desde já um indício de que encontramos uma comunidade proactiva e pronta a responder de frente às dificuldades.

Falta aqui enunciar muitas outras repostas que já existem e outras em construção cujo contributo para estas e outras problemáticas tem vindo a ser cada vez maior:

- O novo Centro Social da Musgueira, com melhoria das condições das valências já existentes;
- O envolvimento cada vez maior das associações de base local no Grupo Comunitário Alta de Lisboa e na organização de eventos em parceria;
- As novas associações e projectos de moradores que surgem: AVAAL, Brincadeiras e Travessuras (PEC), Grupos de jovens (AnimarTe, TDK, Animadores 3D, JÓIA, etc), Ler em Alta, Grupo de Pais da Pintor Almada Negreiros, Loja Comunitária “Entre Nós” e as respostas e as dinâmicas que têm vindo a criar envolvendo pessoas de diferentes zonas e realidades da Alta de Lisboa;
- Condomínios privados da Alta e o seu envolvimento comunitário;
- O projecto “O nosso bairro é a nossa cara” e o seu contributo para a consciência cívica;
- Uma associação de pais (APEAL) e uma associação de residentes (ARAL) tecnicamente reforçadas e com uma intervenção cada vez mais consistente dentro da escola e um impacto cada vez maior na vida da comunidade escolar;
- Clubes desportivos (de base local e nacional) com ofertas cada vez mais diversificadas e mais atletas, com importante impacto na educação pessoal e social das crianças e jovens;
- O trabalho do Grupo Comunitário e outros grupos de parceiros locais (formais e informais) e o envolvimento de cada vez mais instituições no mesmo;
- O policiamento de proximidade da Polícia Municipal de Lisboa;
- Etc.

Acreditamos que na Alta de Lisboa existem condições para fazer recuar a situação aqui referida, e reforçada pelos vários diagnósticos realizados por diferentes entidades. Quer pelo tecido institucional, quer pela fibra dos moradores, novos e antigos, quer pelas características únicas e pela diversidade deste local. O trabalho de parceria, nomeadamente entre associações e grupos de moradores e instituições, já com provas dadas de eficácia, poderá ser um dos caminhos para, aos poucos, obter resultados.

V. Bibliografia

Andrade, I.; Barroso, S. (2009). Alta de Lisboa Análise da Situação de Partida – Aplicação de Inquéritos em Painel aos Agregados Familiares. Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano. Lisboa.

Nuñez, A.; Caeiro, T.; Abrantes, P. (2007). Diagnóstico das Realidades Educativas Locais: Três Territórios de Exclusão Social na Grande Lisboa – Relatório Final. Fundação Aga Khan Portugal, Lisboa.

Borda, O.F. (1991) Participatory (Action) Research in Social Theory: Origins and Challenges. In Participatory Action Research, Sage, 27.

Elden, M. & Levin, M. (1991) Bringing Participation into Action Research. In Whyte, W.F. (1991) Participatory Action Research, Sage, London, 127-141.

Fonseca, M.; Moreno, L.; Esteves, A.; Mateus, J.; Abreu, A.; Martins, F. (2004). Análise da Situação de Partida – Alta de Lisboa. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Lisboa.

Flood, R.L. (1991) The relationship of ‘systems thinking’ to Action Research. In Participatory Action Research, Sage, London, 133.

Friedman, V.J. (1991) Action Science: Creating Communities of Inquiry in Communities of Practice. In Participatory Action Research, Sage, 159.

Greenwood, D. & Levin, M. (1998) Introduction to Action Research: social research for social change Sage, USA.

Grupo Comunitário Alta de Lisboa (2009). Relatório de Monitorização do Plano de Urbanização do Alto do Lumiar de 1998 a 2008 – Versão Preliminar, Alteração ao PUAL. Lisboa.

Heron, J., Reason, P. (1991) The practice of Co-operative Inquiry: Research ‘with’ rather than ‘on’ People. In Participatory Action Research, Sage, 179.

Hughes, D. e DuMont, K. (1993). Using Focus Group to Facilitate Culturally Anchored Research. In American Journal of Community Psychology, 21 (6), 775-807.

Ludema, J.D., Cooperrider, D.L., Barret, F.J. (1991) Appreciative Inquiry: the Power of the Unconditional Positive Question. In Participatory Action Research, Sage, 189.

MacDougall, C. e Baum, F. (1997). The Devils Advocate: A Strategy to Avoid Groupthinking and Stimulate Discussion in Focus Groups. In Qualitative Health Research, 7 (4), 532-541.

Morgan, D.L. (1998) The Focus Group Guidebook, Sage Publications, Thousand Oaks, USA.

Anexos

Materiais utilizados no Pré-Diagnóstico:

Entrevistas às Instituições

Guião do Debate

1. Quais diriam ser as principais preocupações das famílias da Alta de Lisboa/ Charneca?
2. Que recursos/apoios as famílias procuram quando têm dificuldades?
3. Que serviços/apoios criaria para as famílias na Alta de Lisboa/ Charneca?

Entrevistas na Comunidade



Diagnóstico sobre Famílias da Alta de Lisboa e Charneca

O K'CIDADE, estando a iniciar a sua intervenção no eixo das famílias gostaria de saber a sua opinião sobre a situação das famílias na Alta de Lisboa e Charneca, baseando-se no seu exemplo pessoal e das famílias que conhece.

Para o efeito, solicitamos que responda às questões a seguir apresentadas, tendo a garantia de confidencialidade dos dados. A informação prestada será objecto de uma rigorosa análise.

Quais diriam ser as 3 principais preocupações das famílias da Alta de Lisboa e Charneca? Na sua resposta pode incluir exemplos de fenómenos sociais, dinâmicas familiares, questões comunitárias, entre outras, e pode referir-se de forma geral ou particular a segmentos da população: crianças, jovens, adultos, idosos, etc.

Com que apoios contam as famílias quando enfrentam dificuldades (internos e externos)? - Refira 3 por favor. Geralmente quando as famílias têm dificuldades onde e a quem recorrem? E porque razão?

Se pudesse decidir, que serviços ou apoios criaria para as famílias na Alta de Lisboa e Charneca? Apoios/actividades que ainda não existem mas que fazem falta às famílias? Ou que já existem, mas que podem ser melhoradas? Na sua resposta pode ainda incluir exemplos de apoios/actividades já existentes e que considera como positivas de serem aproveitadas.

Teria interesse e disponibilidade para participar/dinamizar actividades relacionadas com as famílias no seu bairro/zona? Se sim, por favor indique o seu nome e contacto para divulgarmos.

Sexo

- Feminino
 Masculino

Idade

- <15
 15-25
 26-36
 37-47
 48-58
 59-69
 >70

Zona/Rua de Residência

Nº de Filhos com quem reside

- Nenhum filho
 1 filho
 2 filhos
 3 filhos
 4 filhos
 5 filhos
 + de 5 filhos

Ocupação Profissional

- Desempregado
 Estudante/Formação Profissional
 Doméstica
 Reformado
 Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes, e Quadros Superiores de Empresa
 Especialistas de Profissões Intelectuais e Científicas
 Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio
 Pessoal Administrativo e Similar
 Pessoal dos Serviços Vendedores
 Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas
 Operários, Artífices, e Trabalhadores Similares
 Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem
 Trabalhadores Não Qualificados

Muito obrigado pela sua participação!! Para mais informações, por favor, visite o site www.kcidade.com, ou contacte

neuza.pestana@kcidade.com

Tecnologia do [Google Docs](#) [Denunciar abuso](#) - [Termos de utilização](#) - [Termos adicionais](#)

Materiais utilizados no Diagnóstico:

Entrevistas aos Moradores

Guião do Debate

Quebra-gelo e apresentação

Queremos desde já agradecer a vossa presença aqui hoje, sabemos que muitos tiveram que se organizar de forma diferente para conseguir estar aqui.

Estamos aqui para falar um pouco sobre a questão das famílias. Como sabem, o K'CIDADE encontra-se a fazer um levantamento da opinião de diferentes pessoas que vivem ou trabalham na Alta de Lisboa e Charneca para poder iniciar a intervenção nesta área das famílias.

Todos os que aqui se encontram foram convidados por terem demonstrado interesse em conversar mais sobre este assunto e alguns até em participar em futuras actividades.

Já obtivemos alguma informação através de questionários e conversas informais, nas quais alguns de vós participaram, e agora gostaríamos de aprofundar algumas das questões levantadas.

Queremos ainda reforçar que necessitamos de filmar este nosso encontro, que durará no máximo 1 hora, para que possamos anotar depois tudo o que foi falado sem nos esquecermos da opinião de ninguém. Tudo o que aqui for dito é confidencial, não iremos revelar o nome das pessoas presentes. Todas as opiniões são importantes e válidas, mesmo que vos pareçam que não, por isso gostaríamos que as partilhassem connosco!

1. Necessidades/preocupações
 - a. Quando perguntamos às pessoas que fomos entrevistando quais eram as preocupações e necessidades das famílias, uma grande parte falou de necessidades como habitação, alimentação, vestuário, segurança, emprego, saúde, etc.. Concordam que esta seja uma das preocupações principais das famílias da Charneca e Alta de Lisboa? Porquê?
 - b. Das entrevistas feitas, percebemos ainda que as relações no seio da família (ex: violência, convívio, sentimentos e afectos, felicidade, bem estar etc.) são outra das preocupações mais evidentes. Que tipo de problemas surgem ao nível das relações dentro das famílias? Porque acontecem?
 - c. Por outro lado, muitas pessoas referiram estar preocupadas com questões de cidadania (ex: higiene e limpeza do bairro, apoio e relações entre vizinhos, momentos de convívio da comunidade, etc.). Qual a vossa opinião sobre este tema?
2. Recursos/Apoios
 - a. Verificámos que muitas pessoas recorrem a instituições e serviços diversos (ex: escolas e creches, assistente social/seg. social, SCML, C. Saúde, instituições religiosas, Junta de freguesia, centros de dia, Gebalis, K'CIDADE, polícia) bem como outros apoios (subsídios, reforma, banco alimentar, etc) quando têm um problema. O que pensam sobre os apoios / serviços existentes e sobre o modo como funcionam?
 - b. Com que outros tipos de apoios podem as famílias contar em caso de necessidade?
3. Sugestões
 - a. Para responder às necessidades e problemas que identificaram, que sugestões têm? (Que tipo de apoios/serviços/actividades poderiam surgir? De que modo surgiriam?)
 - b. Estariam disponíveis para participar/apoiar nos apoios/serviços/actividades que sugeriram? De que forma?
4. Álbum da Família
 - a. Gostaríamos agora que cada um de vós mostrasse a fotografia de família que trouxe e que apresentasse a sua família:
 - i. Numa palavra, como define a sua família?
 - ii. Quem faz parte?
 - iii. Onde vive?
 - iv. Qual a sua história?
 - v. Que episódio recorda com mais carinho e porquê?

Nota: fazer um placard em cartolinas coloridas, colar uma cópia das fotos e ao lado cada pessoa escreve algo sobre a foto num espaço equivalente a A5. Fazer posteriormente um livro.

Nota: algumas questões não foram abordadas por questões de tempo, mas ficou pré-acordado outro momento de discussão e troca de ideias em breve.

Entrevistas às Crianças

Guião do Debate

10 minutos: dinâmica quebra gelo e apresentação

Obrigada por terem vindo falar connosco um bocadinho!

Estamos aqui para falar um pouco convosco sobre as famílias. Somos do K'CIDADE (*conhecem? Se não explicar*) e queremos saber a vossa opinião sobre as famílias porque vamos trabalhar com elas.

Já fizemos perguntas e pedimos desenhos a algumas crianças sobre este tema, e encontramos algumas respostas muito interessantes!

Queremos saber se podemos filmar este nosso encontro, para que possamos anotar depois tudo o que foi falado sem nos esquecermos da opinião de ninguém. Tudo o que disserem aqui fica entre nós. Todas as vossas opiniões são importantes, mesmo que vos pareçam que não, por isso gostaríamos que as partilhassem connosco!

1. Perguntas
 - a. Muitas crianças disseram que as famílias precisam de coisas como amor, carinho, felicidade, amizade e apoio.
 - i. Concordam?
 - ii. Porquê?
 - iii. O que poderíamos fazer para que todas as famílias tivessem amor e carinho?
 - b. Algumas crianças estavam preocupadas com as discussões que existem nas famílias.
 - i. Porque acham que as famílias discutem?
 - ii. O que poderíamos fazer para que discutissem menos?
 - c. Outras crianças disseram que uma família também faz coisas em que todos estão juntos.
 - i. Acham importante?
 - ii. Porquê?
 - iii. O que podemos fazer para que as famílias façam mais coisas juntos?
 - d. De que precisam mais as famílias para serem felizes?
 - i. *Por exemplo: dinheiro, emprego, casa, comida...*
2. Álbum da Família
 - a. Gostaríamos agora que cada um de vós mostrasse a fotografia ou fizesse um desenho da vossa família e que apresentasse a sua família:
 - i. Quem faz parte (*irmãos, pais avós, tios, amigos, animais de estimação*)?
 - ii. Onde vive?
 - iii. Conta uma história de alguma coisa importante que tenha acontecido na tua família.

Devolução do Diagnóstico à Comunidade:

